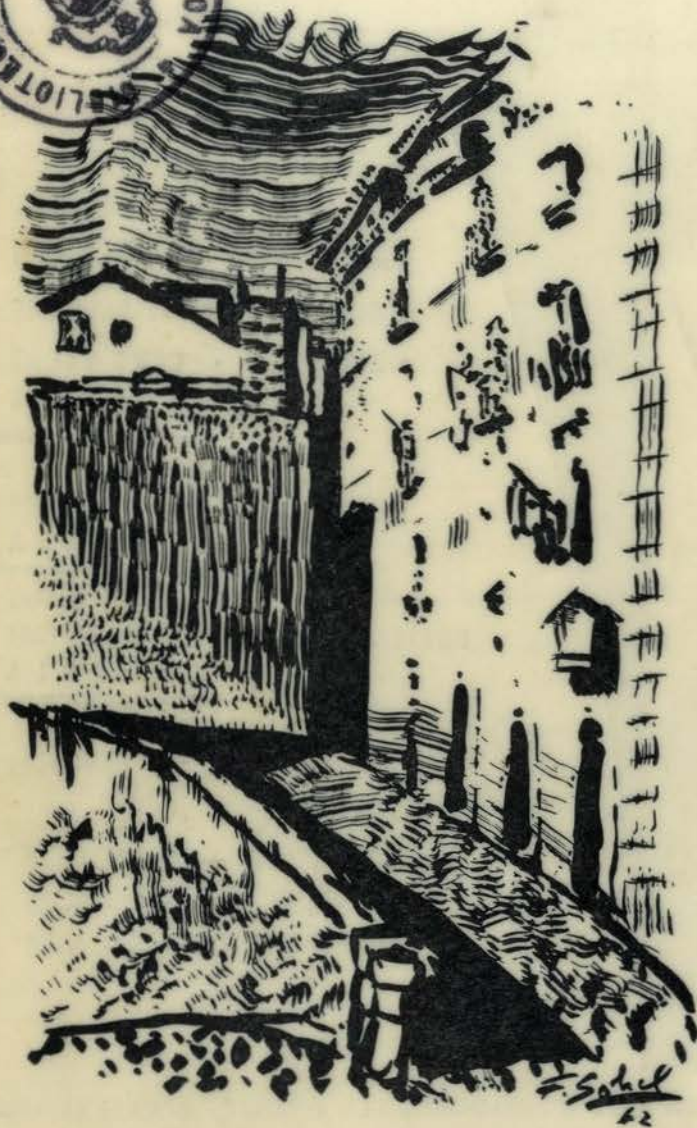


OLISIPO

Boletim Trimestral do Grupo
"AMIGOS DE LISBOA"

Janeiro / 1963
Ano XXVI - N.º 101





SOCIEDADE GERAL

**DE
COMÉRCIO,
INDÚSTRIA
E
TRANSPORTES**

CARREIRAS REGULARES

**DIAS 10, 15 e 25 DE CADA MÊS
METRÓPOLE • CABO VERDE
E GUINÉ**

MENSAIS

**METRÓPOLE • S. TOMÉ E PRÍNCIPE
E A N G O L A**


DE 21 EM 21 DIAS

**NORTE DA EUROPA • LISBOA, MATADI
E A N G O L A**

SEMANAIS

ANVERS • PORTUGAL

**TRAMPING — TRANSITOS
SERVIÇO DE REBOQUES
FLUVIAIS E DE ALTO MAR**



**LISBOA • RUA DOS DOURADORES, 11 • TELEF. 37 0151 (8 LINHAS)
PORTO • R. SÁ DA BANDEIRA, 82 • TELEF. 27363 • TELEG. GERAL PORTO**



Apresentação dos melhores Artistas do

FADO
VARIEDADES e
FOLCLORE NACIONAL

Excelentes serviços de
COZINHA E BAR

*Banquetes, Jantares e Ceias
Modernas instalações - Ar condicionado*

42, Rua da Barroca, 56 -- Telef. 36 93 87-32 19 23
BAIRRO ALTO - LISBOA



Os mais saloios pratos regionais PORTUGUESES
Aberto das 8 às 2 da manhã

COMPANHIA PREVIDENTE

LISBOA - PORTO

~

Fabricantes de toda a classe de pregarias, parafusos com rosca para madeira, tubo de chumbo, chumbo laminado, redes de todas as espécies, cápsulas para garrafas, bisnagas para pastas e produtos farmacêuticos, etc.

~

Sede: LISBOA - Largo do Conde Barão, 5

Filial no PORTO - Rua de Agramonte, 293

U. C. A. L.

UNIÃO DAS COOPERATIVAS ABASTECEDORAS DE LEITE
DE
LISBOA



Abastecedora de leite à cidade de Lisboa, dispendo de 64 postos para venda a retalho e directamente ao público.

Presentemente produz os seguintes produtos:

Leite comum
Leite pasteurizado
Leite esterilizado
Leite com chocolate
Natas
Yogurt simples e com aromas
Manteiga corrente e pasteurizada

Os seus produtos são absolutamente garantidos, sob todos os aspectos, devido aos cuidados e controle a que estão submetidos por parte dos serviços oficiais competentes.



PEDIMOS AO PÚBLICO CONSUMIDOR O FAVOR DE VERIFICAR
SEMPRE SE AS EMBALAGENS ESTÃO INTACTAS

CLARAS

C A M I O N A G E M

SEDE

TORRES NOVAS

Largo General Baracho, 16
Telefone PBX 22003

LISBOA-R. Andrade, 16-Tel. 842086

CARREIRAS de Passageiros

CIRCUITOS Turísticos

AUTOCARROS

para Alugueres
para Excursões

AUTOMÓVEIS

de Aluguer

TRANSPORTES de Carga

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvária, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

●
**Rua Augusta, 161 - Telef. 32 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA**

**Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO**

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.^a livros sobre todos os assuntos escritos nas principais línguas europeias

Damos informações bibliográficas e aceitamos encomendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo 70 • Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20

Secção de revenda e armazéns Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA-2

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM

LUABO e MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

COMPANHIA
DE SEGUROS
FIDELIDADE



SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

CAPITAL E RESERVAS

Esc. 380.585.028\$51

CORRESPONDENTES EM TODO O PAIS

Sede: Largo do Corpo Santo, 13 - Lisboa - Tel. 3 03 21

Oferta

27. JUL. 1988

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXVI

JANEIRO DE 1963

NÚMERO 101

Director, o Presidente da Junta Directiva

FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16



SUMÁRIO

	Pág.
DISCURSO proferido na sessão solene comemorativa do 50.º aniversário do lançamento da primeira pedra do edifício da Sociedade «A Voz do Operário», realizada em 12 de Novembro de 1962, na sede do Grupo «Amigos de Lisboa», pelo Director Secretário-Geral <i>Doutor Eduardo Neves</i> ...	3
JOAQUIM CASIMIRO por <i>Júlio Eduardo dos Santos</i>	11
A FREGUESIA DOS OLIVAIS por <i>Ralph Delgado</i>	32
O CENÁCULO TÁBUA RASA E OS «AMIGOS DE LISBOA» pelo <i>Doutor Eduardo Neves</i>	41
LISBOA NA OBRA DE FIGUEIREDO SOBRAL por <i>Ego</i>	45
ESCULTURINHAS DE PAPEL por <i>António Luís Moita</i>	46
ACTIVIDADE CULTURAL DO TRIMESTRE PASSADO	47
FEIRA DA LADRA	51
OFERTAS	55
SÓCIOS ADMITIDOS NO 2.º SEMESTRE DE 1962	57
ACÇÃO CULTURAL DURANTE O ANO DE 1962	58
CAPA: Reminiscências de Alfama, por <i>Figueiredo Sobral</i>	
VINHETAS de Figueiredo Sobral.	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

DISCURSO proferido na sessão solene comemorativa do 50.º aniversário do lançamento da primeira pedra do edifício da Sociedade “A Voz do Operário”, realizada em 12 de Novembro de 1962, na sede do Grupo “Amigos de Lisboa”

pelo Director Secretário-Geral Doutor EDUARDO NEVES

Ex.^{mo} Senhor Ministro da Educação Nacional

Ex.^{mo} Sr. Vice-Presidente da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa e representante do seu Ex.^{mo} Presidente

Ex.^{mo} Sr. Representante do Ex.^{mo} Governador Civil de Lisboa

Minhas Senhoras e meus Senhores

Excelência:

A benemérita Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário solicitou deste Grupo a sua participação nas comemorações do 50.º aniversário do lançamento da primeira pedra para o seu actual edifício social e fê-lo pelo facto de A Voz do Operário e os *Amigos de Lisboa* serem ambos Medalha de Ouro da Cidade.

Rodeou esse pedido e sugestão de uma série de considerações e propósitos que revelam a par de requintada amabilidade, notáveis e dignos de registo, sentimentos de gratidão, já hoje pouco vulgares.

Já a escolha da nossa sede, querer fazer a sua festa em nossa casa, é delicadeza que registamos.

De facto, nesta época, ultradinâmica de movimento e de pensamento, recordar o feito há mais de cinquenta anos, relembrar a-propósitos particulares e individuais é, não desta época, mas quase de sabor romântico.

Mas é; e isso basta, para darmos graças a Deus de nesta cidade de tantas e tão variadas gentes ainda haver quem, com esses pormenores, tão simpáticos, se preocupe e os tome por norma.

Assim, os dirigentes da Voz do Operário não esqueceram para seus convidados os representantes das famílias dos Estadistas que na sua passagem pelo Poder lhe facilitaram o intuito de conseguirem ter sede condigna nesta nossa cidade e particularmente no bairro da Graça, por cujos arredores sempre andaram. E como entre esses personagens figuram o antigo Presidente da República Ex.^{mo} Senhor Doutor Manuel de Arriaga e os antigos Presidentes do Conselho Srs. Conselheiro João Franco e Almirante Ferreira do Amaral, todos tendo concorrido para o *desideratum* atingido — faz agora cinquenta anos, temos entre nós os seus representantes. Essas figuras constam, em retratos, da galeria de honra da Sociedade, na sua sede, ao lado dos vultos operários seus fundadores e beneméritos.

Estenderam também os seus convites ao Sr. Tenente-Coronel Álvaro Salvação Barreto, que em sessão da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, a que então presidia, a 14 de Abril de 1953 propôs para a Voz do Operário a Medalha de Ouro da Cidade. Tiveram o propósito de trazer hoje até aqui sobretudo e principalmente autoridades e personagens sócios da Sociedade, demonstrando assim, quanto se sentem honrados em os ter entre a enorme massa associativa que agora excede os vinte e cinco mil sócios e já foram cerca de setenta e dois mil.

Finalmente na sequência das gentilezas e recordações, lembraram-se do meu nome, e que, desde 12 de Novembro de 1927, sou sócio da Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário e por isso escolheram este dia para esta reunião.

Por tudo isso, têm-me V. Ex.^{as} aqui, em detrimento do brilho desta sessão, que deveria ter como orador um novo, fogoso e apaixonado paladino das obras de beneficência, propaganda e altruísmo.

Em lugar disso veio, como vêem, um maior, e muito maior, de cinquenta anos, de profissão, propensão e educação muito material de assunto e que a despeito das lides em que sempre tem andado de agremiações desde a Associação dos Estudantes da sua Faculdade em 1917, saltitando pelos Arqueólogos, Propaganda de Portugal, Sociedade de Ciências Médicas, Academia de Ex-Libris, etc., até se fixar aqui desde a sua fundação, nada mais tem feito do que simplesmente cumprir.

★

Disse há pouco que são Medalha de Ouro da Cidade a Voz do Operário e os *Amigos de Lisboa*.

A despeito da diferença de idade, aquela fundada em 1883, estes fundados em 1936, haverá algum paralelismo entre os intuitos e a acção duma e outra destas agremiações?

Um há pelo menos.

Ambas se entregam à tarefa benemerente e altruista, porque é gratuita, de ilustrar a população, aquela ministrando a primeira instrução aos filhos dos seus sócios, esta divulgando nas massas populares o conhecimento da história da cidade e o interesse pelos seus monumentos.



O Conferencista e a Mesa da Presidência da Sessão

Em qualquer delas a tarefa dos seus promotores é de dádiva total e o entusiasmo cresce à medida que os escolhos se acumulam e a seguir aos êxitos vem o enternecimento, prova do sentimento e do anseio e satisfação de Bem-Servir.

A Sociedade A Voz do Operário na sua longa tarefa que começou com a quotização individual de um vintém por semana, abarca hoje um movimento que anda à roda dos três mil e quinhentos contos anuais, e mantém um jornal com o seu título que antecede de quatro anos a sua fundação.

No seu largo percurso de bem-fazer desde a sua primitiva sede num modesto andar do Beco dos Fróis até à sua sede actual, tem conquistado justos galardões como sejam o oficialato da Ordem de Cristo, o grande officialato da Ordem de Instrução Pública, e o título de Instituição de Utilidade Pública, além da já referida Medalha de Ouro da Cidade e de outras distinções conferidas por instituições particulares como o Congresso Pedagógico que lhe conferiu o título de Benemérita em Prol da Instrução Popular de 1908 e a medalha «Bem-Fazer» da Federação das Sociedades de Instrução e Recreio.

Escolas de instrução primária, cursos nocturnos, ensino comercial e de música, biblioteca e museu, cinema, etc., tudo material e fontes de ilustração, a benemérita Sociedade A Voz do Operário estende o seu Bem-Fazer à assistência médica em policlínica própria e à assistência funerária aos sócios e suas famílias. Dando o pão do espírito nas suas escolas, não esquece o pão do corpo aos seus assistidos de menores posses, para o que mantém cantinas e refeitórios privativos.

Tem tido a Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário biógrafos e historiadores entre os seus e quero destacar deles Raul Esteves dos Santos, que nas «Figuras Gradadas da Voz do Operário», na «Grande Catedral do Bem» e outras publicações, apaixonadamente refere as vicissitudes da Sociedade que na sua longa vida teve homens como Oliveira Martins, Augusto Fuschini, Dantas Baracho, Sidónio Pais, António Granjo que ao lado de militantes operários como Dias da Silva, Costa Gooldolfim e tantos outros se têm debruçado sobre a sua vida, auxiliando-a por vários processos; nos «Serões», em 1901, Eduardo de Noronha, no dizer de Álvaro Neves, escreveu um artigo largamente ilustrado em que lembra passos da vida da Sociedade e o interesse com que vultos literários e tribunos têm dedicado à Sociedade os seus labores; lembro entre eles a poetisa Angelina Vidal, Magalhães Lima, Boto Machado, Simões Raposo, Fernandes Alves e quantos mais.

E nós como temos realizado a nossa acção?

Conferências na sede, visitas a edifícios locais e museus, exposições e colóquios e no princípio da nossa acção, conferências e palestras na via pública na tal doação total, de não trabalharmos só para os nossos sócios mas indo até à rua, elucidando o viandante acerca da história, do interesse e do pitoresco dos locais. Vivendo só sobre nós, trabalhando todos gratuita e devotadamente, temos levado a cabo centenas de conferências, muitas realizações e publicado e distribuído gratuitamente aos sócios e a várias colectividades em 26 anos de existência 100 números do nosso

Boletim OLISIPO, que hoje constitui apreciada colecção e cujos números especiais comemorativos do 20.º e do 25.º aniversários da nossa fundação relatam em resumo a nossa actividade.

Poderia parecer vaidosa a citação, elogio em boca própria é vitupério, com aproveitamento do momento, para propaganda da nossa actividade mas, embora sócio fundador e tendo feito parte quase permanentemente dos corpos gerentes desde 1936, porque aqui, não há obras individuais mas é tudo o somatório do trabalho de todos, e nós aqui somos cerca de 1300, não me eximo a pedir licença a V. Ex.^{as} para dar uma síntese resumida das nossas realizações.

Assim, desde 1936 até hoje realizámos:

Audições musicais	7
Realizações de cinema e teatro	8
Circuitos turísticos na cidade	8
Colóquios e serões	45
Conferências, sendo 9 na via pública	145
Cursos de arte com 20 lições cada	2
Missas votivas e comemorativas	5
Edições, cerca de	110
Evocações e almoços comemorativos	9
Exposições de arte	39
Descerramento de lápidas	4
das quais 2 merecem relevo especial, a que assinala o local do Primeiro Estudo Geral, no edifício do antigo Liceu do Carmo e a que assinala o local onde esteve o túmulo de Salvador Correia de Sá, a Santos, inaugurada logo que a nossa província de Angola começou a ser atacada.	
OLISIPO, números publicados	100
Passeios no Tejo, um dos quais Antoniano	9
Visitas de estudo	404

O nosso lema é A BEM DE LISBOA e afinal o que têm feito a Voz do Operário e os *Amigos de Lisboa* senão trabalhar afanosa e desinteressadamente a Bem da Cidade e sempre na ânsia da insatisfação permanente e da pena sentida de não termos podido fazer melhor.

Com índoles diferentes e âmbitos diversos as duas colectividades — Medalha de Ouro da Cidade — têm realizado serena e cautelosamente o seu programa, de forma a, cremos, bem merecer de todos.

Poderia alongar-me em citações, efemérides ou relato de acontecimentos históricos da vida das duas colectividades, mas perante uma assembleia constituída sobretudo por sócios de ambas e auditório tão jilustrado escuso de o fazer, ademais em Lisboa hoje todos conhecem a acção desenvolvida por elas.

Os que trabalham em prol do bem comum conhecem-se e por via de regra são amigos, está-lhes na índole e é esse o seu pendor, e se não, vejam V. Ex.^{as}, a Medalha de Ouro da Cidade foi proposta para A Voz do Operário pelo Sr. Tenente-Coronel Álvaro Salvação Barreto, que então presidia à edilidade e com quem tive a honra de servir na Vereação de 1955-1960 e foi ainda na sua presidência e com a sua aquiescência, por proposta do então vereador Sr. Aníbal David, actual Vice-Presidente e nosso consócio como o primeiro, que o nosso Grupo adquiriu tal distinção.

É sócio de A Voz do Operário Sua Excelência o Sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional, como é nosso consócio o actual Presidente da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, o Sr. General António Vitorino França Borges, e muito grato é recordar que com ele também servi na Edilidade e tanto sinto por motivos óbvios não ver presente, como bom Amigo que é desta Casa.

Em 1901, Eduardo de Noronha intitula o seu artigo sobre A Voz do Operário «União pela Vida» e em certo passo diz: «Há no nosso País um elucidativo exemplo dessa obra moderna e característica, um exemplo demonstrativo de quanto pode a perseverança e o esforço continuado, de quanta simpatia desperta e confiança inspira, a concentração de forças individuais para a utilidade colectiva, e de quanto tempo subsiste a acção enérgica e convicta do primeiro iniciador na protecção e defesa da própria obra... O Estatuto provê ao duplo fim com que se organizou — instruir e beneficiar — pela forma mais simples e mais-prática atingindo o mais elevado intuito de propaganda efectiva e união proveitosa. Continuando a publicação do Jornal, inaugurando Bibliotecas, estabelecendo aulas nocturnas e diurnas para os sócios e seus filhos». Mais adiante o mesmo articulista, que era redactor dum jornal monárquico e velho pioneiro das

campanhas ultramarinas, relembra os princípios e obrigações a que se impuseram os Irmãos das Misericórdias e compara com a acção da Voz do Operário, acabando com os enterros à mão, através das ruas públicas, — enterrar os mortos — ensinar os ignorantes — dar de comer... enfim o prescrito de sempre nos cânones do bem-fazer e bem-viver.

Em 1953 o então director do jornal «A Voz do Operário» diz que logo de início, no artigo de fundo do seu primeiro número, se afirma ser missão do jornal além da defesa da classe operária, tabaqueiros e outros, a difusão da cultura entre as classes populares. E, cousa curiosa, o grande iniciador desses princípios de dar instrução era um operário, se não em absoluto pelo menos quase analfabeto. Desejava dar o que não tinha, por não lho terem dado. Eram então os militantes socialistas e o panegirista de 1953 republicano e por aí fora sempre cumprindo os propósitos iniciais, o jornal e a sociedade, os seus dirigentes e os seus panegiristas, fossem quais fossem os seus ideais políticos comungam no mesmo propósito — fazer bem e proporcionar instrução.

Hoje, na sede da Sociedade A Voz do Operário funciona um centro da Mocidade Portuguesa e os rapazes educados na Sociedade mantêm de há muito uma Associação de antigos alunos, de que alguns servem hoje a própria Sociedade e outros, lá fora, não esquecem a origem comum.

Salutares princípios, admiráveis exemplos.

Com que honra os *Amigos de Lisboa* recebem nas suas salas tão ilustres personalidades e realizam nela uma sessão de tão notório sabor olisiponense vincando tão altruísta e benemérita actividade, que os Corpos Gerentes da Sociedade visitante quiseram ilustrar com uma pequena exposição, em que se vincam aspectos da sua vida social e das nossas visitas à sua sede, de que hoje comemoramos o 50.º aniversário do lançamento da sua primeira pedra. Mais um requinte de gentileza, idêntico aos que estiveram na origem da organização desta festa.

Mas... há sempre um mas, que pena! o panegirista, repito, não ter sido outro, que bem o merecia assunto tão simpático e interessante.

Mas fui eu — que V. Ex.^{as} mo perdoem — mas vim, como nas profissões liberais é uso, a chamado de outrem.

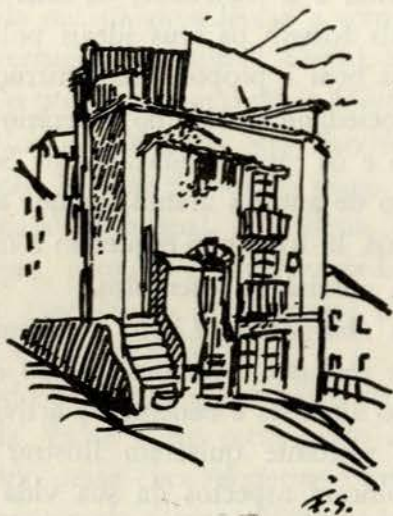
Como deixar de vir, se de Lisboa se trata, Lisboa no cultivo da sua história multissecular, no cultivo da benemerência e da caridade, que

mantém vivos os sentimentos da gratidão e que de acordo com o ideal cristão — faz bem e não olhes a quem — se esquecem opiniões políticas ou ideológicas, para trabalharem a bem de todos os seus irmãos, nossos irmãos!

Mais do que nunca, na hora que passa sabe bem lembrar e vincar estas facetas da índole dos naturais e habitantes da nossa Cidade.

Sempre e desinteressadamente A BEM DE LISBOA, o que o mesmo é A Bem de Portugal, Terra de todos nós, que Deus guarde...

Tenho dito.



JOAQUIM CASIMIRO

Algumas notas a propósito do centenário
da morte do grande compositor lisboeta

por JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS

DENTRO do âmbito próprio das suas manifestações culturais, não deixou o Grupo *Amigos de Lisboa* de exaltar a figura do maestro Casimiro, no 1.º centenário do seu óbito, evocando-o conjuntamente com outro filho de Lisboa, o célebre Marcos Portugal (cujo bicentenário do nascimento ocorreu no ano findo), num serão de arte realizado em 13 de Dezembro último. Além disso, o nome de Marcos Portugal foi também lembrado neste Boletim; da mesma forma se procede agora quanto a Joaquim Casimiro, não devendo dar-se às palavras, que vão seguir-se, maior valor que o de singelo registo do sobredito centenário — registo constituído, além da própria autobiografia, por colectânea de alguns escritos, de consulta assaz difícil, devidos a contemporâneos seus, e a várias informações inéditas.

Autor de obra muito vasta, portanto desigual, a sua actividade, de notável polimorfismo, dividiu-a sobretudo entre a igreja e o teatro, tendo conquistado, tanto num como noutro ambiente, assinalados triunfos. Na autobiografia, adiante reproduzida, alude Casimiro às composições que considerava filhas predilectas: tal apreciação quase coincide com a da crítica imparcial. Para que a aura das suas peças destinadas a funções litúrgicas passasse, contribuíram motivos de todos bem conhecidos; para que as suas obras cénicas, que gozaram de enorme popularidade em todos os teatros de Lisboa — Salitre, Rua dos Condes, Ginásio, D. Maria II... — caíssem no esquecimento, idênticas causas actuaram: outras épocas, outras

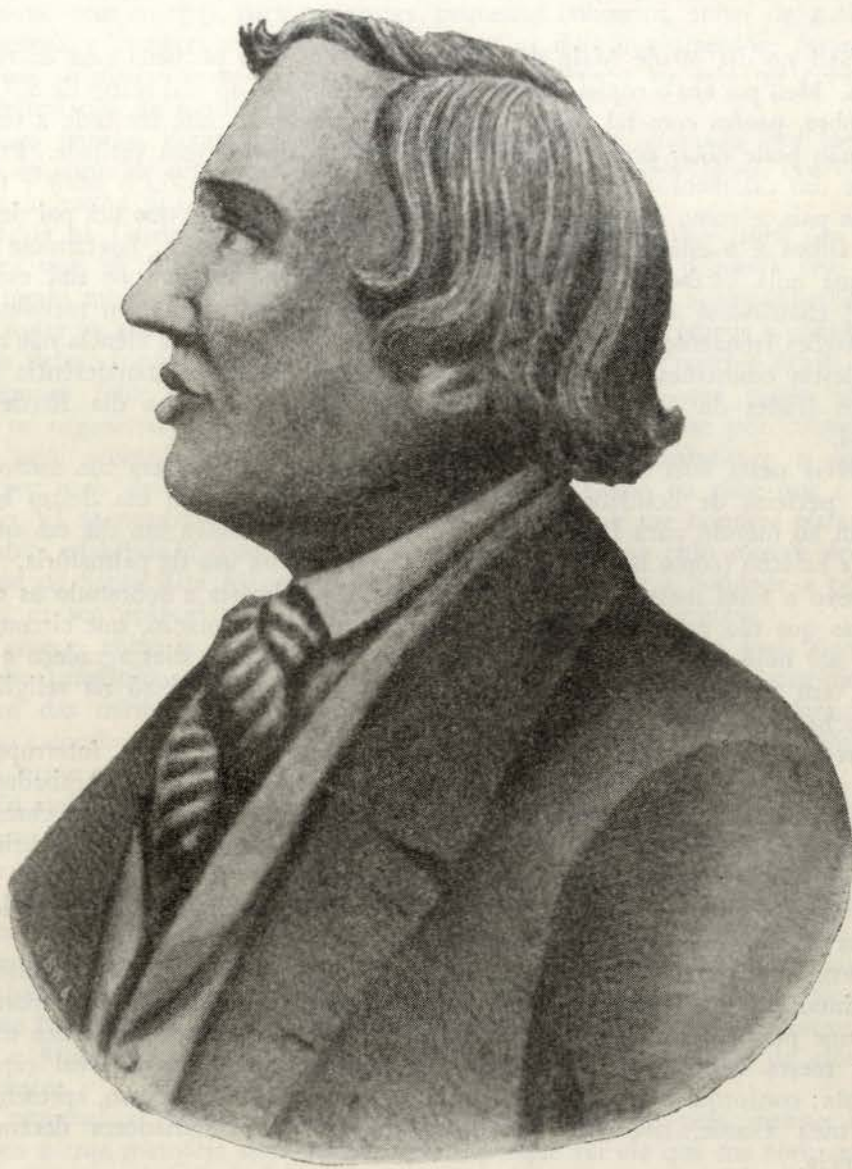
orientações... Deu também valiosa colaboração a notáveis autores dramáticos, com música de cena para algumas das suas peças, entre eles Garrett, Andrade Corvo, Mendes Leal, Costa Cascais... Para Castilho, que o denominou «eminente compositor», musicou o *Hino dos Lavradores*, incluído nas *Estreias Poético-Musicais*. Mas tudo passou: tanto as composições de Casimiro, como as obras de quase todos esses literatos — não obstante terem sido dos mais aclamados no seu tempo.

A tais transmudações do gosto do público, operadas em lenta evolução (não falando da vertigem dos acontecimentos artísticos dos últimos tempos), fica, porém, estranho o valor dos autores que triunfaram outrora, o que muitos críticos, dados apenas à exaltação do presente, não consideram. Foi isto focado, no mencionado serão de arte, por quem escreve estas linhas, e em apoio do asserto pode invocar-se a valiosa opinião adiante citada, escrita já posteriormente, em desempoeirada apologia da arte de Casimiro por um dos mais novos e ilustres dos nossos musicólogos.



Entre os documentos concernentes à vida e actividade artística de Joaquim Casimiro, assume grande valor a sua autobiografia, elaborada cerca de dois anos e meio antes da sua morte. Foi publicada em *A Revolução de Setembro*, de 27 de Agosto de 1864; anos depois, em 1873, foi inserta com outra versão, que mais não era do que rascunho da acabada de mencionar, no *Eco Musical*. Nem sempre as autobiografias são escritas com sinceridade, mas não pode negar-se que esta página contém alusões, que dão ao leitor o convencimento de traduzirem, com verdade, muitos dos mais amargurados passos da acidentada vida deste homem de excepcional talento, que malbaratou um tanto a vida, sem nunca abandonar a fé e o sentimento bem alto da amizade. Os últimos períodos deste sentido relato consideramo-los de especial significado.

O documento em referência foi reproduzido no *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*, vol. I — Lisboa, 1900; isso, porém, não obsta a que também aqui seja transcrito, dado que esta obra não é presentemente muito comum. Mais um depoimento de interesse, respeitante a um lisboeta notável, se arquiva em *Olisipo* (¹).



Joaquim Casimiro Júnior
(1808 - 1862)

Autobiografia de Joaquim Casimiro Júnior

Nasci no dia 30 de Maio do ano de 1808 em uma pequena casa da rua dos Galegos. Meu pai era o copista das músicas da casa real e do real teatro de S. Carlos; vivia pobre, porém com tal rigidez de honra e probidade, que em toda a sua vida se lhe não pode notar uma só acção que ponha em dúvida esta verdade. Primeiro filho de um casamento de inclinação, concentrava em mim todo o amor e ternura de meus pais, e como eles sabiam que a maior prova de amor que um pai deve dar a seus filhos é a educação, logo que completei os cinco anos, fizeram-me entrar para uma aula estabelecida na mesma rua, e que era regida por um excelente homem; chamava-se Rodrigues Palma: os castigos nesta aula eram raríssimos, as admoestações frequentes e os conselhos contínuos; porém como a ciência não andava a par destas eminentes qualidades, tratou meu pai da minha transferência para a aula dos frades do Carmo, aonde entrei pela primeira vez no dia 20 de Maio de 1814.

Havia nesta aula um mestre e um substituto; o mestre era um santo frade modelo perfeito de bondade e paciência; o substituto porém era destes homens que vêm ao mundo para flagelo das crianças; não se passava um dia em que este *Nero de rabicho* (como nós lhe chamávamos) não fizesse uso da palmatória.

Devo a estes mestres toda a minha educação primária e sobretudo as crenças religiosas que tão profundamente se arreigaram em meu coração, que circunstância alguma até hoje tem podido abalar, felicidade que todos os dias agradeço a Deus, porque, em todos os perigos e tribulações da minha vida, é só na religião que tenho achado abrigo e consolação.

Frequentei esta aula por espaço de três anos com a única interrupção de quatro meses por uma perigosa doença que me reteve em casa. Acabados esses três anos, matriculei-me na aula de música da Sé de Lisboa; o mestre chamava-se José Gomes Pincetti, era bom velho e bom mestre; ninguém ensinava princípios de música com melhor método. Fui tão feliz que no fim de sete meses era já o segundo decurião, e no fim de um ano tinha solfejado toda a música dos atquívos da aula e mais alguns que diversos me emprestavam.

Passei depois para a direcção de um tal frei António, frade Paulista, que me ensinou a cantar e que no curto espaço de oito meses me habilitou para fazer um exame público em consequência do qual entrei para a corporação dos músicos. Alguns meses depois vagou um lugar de soprano no coreto da real capela da Bemposta; conforme o uso daquele tempo, o lugar pôs-se a concurso, apresentei-me, fiz o meu exame, tive três opositores, porém os examinadores deram-me a preferência.

Em recompensa destes progressos que enchiam de júbilo a meu pai, comprou-me ele um piano de Asthor (piano que ainda hoje conservo) e um método de Pleyel e Dussek, autores então da moda. Tinha pois um piano e um método, mas não tinha mestre: não obstante consegui tocar alguma coisa e para isso não tive muito trabalho.

Neste tempo tomei amizade a um rapaz da minha idade que tocava flauta menos mal; chamava-se Jorge Titel (ainda hoje vive); todas as tardes nos reuníamos

em casa de meu pai para tocar duetos, mas que duetos... o meu amigo tocava na flauta os meus solfejos e outras músicas que podíamos apanhar, e eu improvisava o acompanhamento no piano. Em pouco tempo estagnaram-se estes recursos, e achando-me sem matéria para os nossos pequenos concertos, tratei de a tirar de mim mesmo, e comecei a escrever duetos para os dois instrumentos; foram estas as minhas primeiras composições, que tenho muita pena de não ter conservado como recordação da minha infância.

Estes ensaios deram-me coragem e atrevimento, e animado por meu pai, compus os coros de uma oratória que se representou no teatro da rua dos Condes; foi esta a minha primeira composição para orquestra.

Havia na Carreira dos Cavalos um hospício de frades que tinha um órgão; uma vez que ali fui cantar pedi licença para tocar; era a primeira vez, porém de tal modo me houve, que os frades me pediram para lhes acompanhar dali em diante todas as suas festas, o que não só fiz, mas também compus a música para algumas delas; foram as minhas primeiras composições para vozes e órgão.

Sempre feliz nos meus atrevimentos, pouco admira que tendo adoecido ambos os organistas da real capela da Bemposta, e achando-se por consequência o coro sem acompanhamento, eu me oferecesse para os substituir, o que teve efeito por mais de seis meses com geral satisfação. Como eu visse que o sr. rei D. João VI se mostrava satisfeito com o meu serviço, e me honrava tratando-me com muita afabilidade, pedi-lhe que me mandasse ensinar pelo mestre de capela frei José de Santa Rita Marques. O sr. D. João VI levou a bondade a ponto de escrever de seu próprio punho uma ordem que assim o determinava.

Comecei então a aprender com o sapientíssimo mestre frei José Marques, e nesse dia principiou para mim uma nova época; a arte veio denunciar-me todos os erros das minhas defeituosas composições; à luz da ciência vi claramente o turtuoso caminho que havia trilhado, envergonhei-me de me ter julgado compositor, e fiz o firme protesto de apagar com o meu futuro todo o meu passado.

Estudei e estudei como era preciso estudar debaixo da direcção do mestre de mais mau génio que tenho conhecido; também o meu adiantamento caminhava a par do meu estudo, e tão rápido era ele que, em 1826, vinte meses *apenas* decorridos, tendo vagado o lugar de organista que eu servia como supra, e achando-se o visconde de Magê pouco disposto a dar-me a propriedade, por causa de alguns requerentes que se haviam apresentado com habilitações que ele julgava superiores às minhas, instigado por meu mestre pedi o concurso, que teve lugar, ficando eu vitorioso em todos os três artigos do exame; foram examinadores os mestres Galão, Soares e Manuel Inocêncio. Foi um dia de felicidade para mim e de glória para meu mestre.

Continuei a estudar ainda com mais fervor dirigido pelo mesmo fr. José Marques a cuja memória serei sempre grato, porque foi ele que me abriu as portas da ciência e me habilitou para compreender os seus mistérios. Foram muitas as peças de música sacra que compus até 1832, avultando entre elas as matinas de Santa Luzia, de Reis, e a missa e credo para grande orquestra: a minha carreira era rápida e sabe Deus onde chegaria, se o cataclismo político que inverteu todas as coisas do nosso país a não tivesse cortado: vítima da minha lealdade ao soberano que havia jurado defender, fui preso, e depois de solto obrigado a emigrar, e assim decorreram os anos até 1837, época em que de novo tornei a

aparecer, e desde então até hoje não tenho cessado de trabalhar, ora compondo, ora ensinando, ora praticando... trabalhar, sempre trabalhar.

De tanto trabalho alguma coisa havia de sair, e com efeito não dei pouco, porque fazendo a resenha de toda a música que tenho composto encontro noventa e sete peças de música sacra ou própria para igreja, e duzentas e nove partituras de músicas para dramas, oratórias, mágicas, comédias e farsas. De todas estas composições as minhas filhas predilectas são as matinas da Conceição, a missa d'Arruda, os officios que escrevi para a cathedral, o *Stabat Mater* a três vozes e o credo de uma missa para se cantar sem acompanhamento. Lego-as à posteridade que saberá apreciá-las devidamente quando eu já não existir.

Tenho cinquenta e dois anos, nasci e sou artista, tenho em minha alma a convicção de ser esta a missão de que Deus me encarregou. Trabalhei até hoje para glória e engrandecimento da minha arte. Fui leal aos meus princípios políticos e fiel na minha crença religiosa. Pus sempre à disposição dos meus colegas o meu nome, os meus serviços e a minha influência: em todas as minhas composições afastei-me sempre do centro para que todos os meus antecessores e contemporâneos convergiam. O *couplet* português é meu filho: ninguém o tinha escrito assim antes de mim; finalmente deixo ao meu país mais um nome para o seu catálogo de artistas.

Na minha vida pública muita glória conquistada à custa de um sem-número de vigílias, e parcos e mesquinhos interesses; na minha vida privada tristeza e desgosto. A fortuna bafeja-me os sentidos, porém o destino matou-me o coração roubando-me as carícias de todos os entes que mais amava: hoje só tenho a alma para sofrer, e a cabeça para meditar; não é a primeira vez que penso no suicídio.

Campo Grande, 19 de Março de 1860.

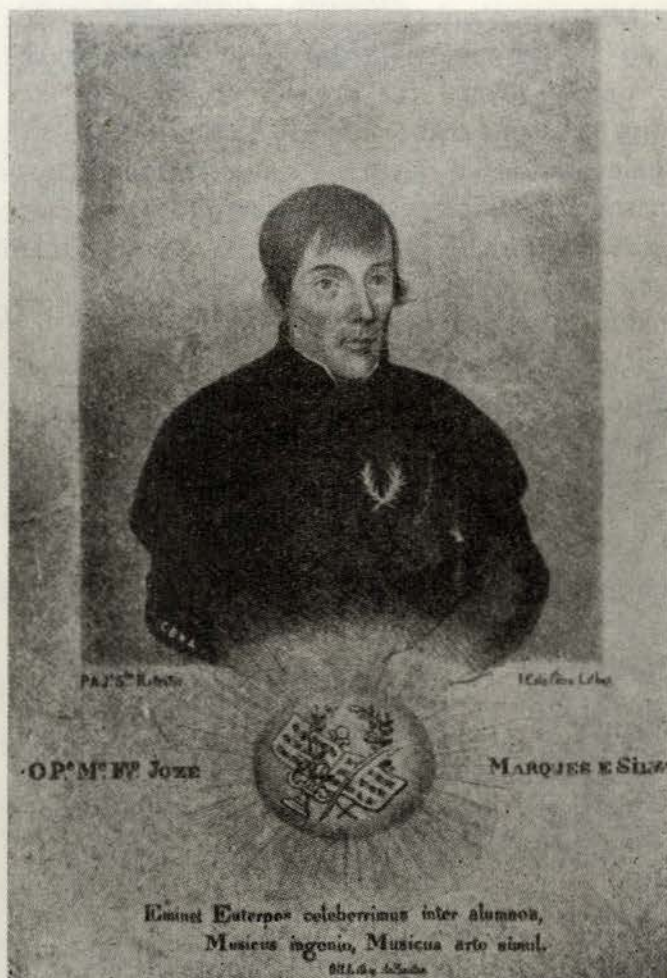
Joaquim Casimiro Júnior

Casimiro e os seus contemporâneos

O conceito que de Joaquim Casimiro formavam os seus contemporâneos apresenta-se-nos como elemento relevante para justa apreciação do seu valor. Teve, como todos que se elevam pelo seu esforço e próprio mérito, quem o hostilizasse; mesmo depois da morte, muito injustamente foi, por vezes, avaliado o seu engenho, sobretudo pelos que quiseram julgar os suas obras em face de orientações diversas da do mestre e designadamente das da sua época. Um só desses críticos, todavia, se excedeu em violências, sem no entanto se ter firmado no exame de uma

só das composições de Casimiro! Foi Joaquim de Vasconcelos, em *Os Músicos Portugueses* — Porto, 1870.

Trata-se apenas — como muito justamente se acentua no *Dicionário Popular*, publicado sob a direcção de Pinheiro Chagas — de «uma diatribe



Frei José de Santa Rita Marques e Silva

(c. 1780 - 1830)

Professor de Joaquim Casimiro, por expressa determinação de D. João VI

violenta, sem indicações biográficas, nem apreciação cordata do mérito do artista». Joaquim de Vasconcelos, a quem se ficaram devendo trabalhos de grande valor, apesar de alguns senões, não poderia ter-se

abalçado a publicar, aos vinte anos, obra de tal tomo, que exigiria largos anos de investigação, a não ser que o autor se limitasse — como em grande parte fez — a utilizar informações alheias, desde as do insigne Barbosa Machado às do famoso Fétis. Não será despidendo admitir que, escrevendo a poucos anos da morte do notável compositor, se tenha deixado influenciar por alguns contemporâneos inimigos deste, faltando assim, apesar do que prometera de início, ao «dever sagrado de escritor consciencioso», que — dizia — se prezava de ser. Foi necessário decorrerem trinta anos para que a memória de Casimiro se visse liberta de tão iníquo juízo, pela atitude de quem veio a ser o mais entusiasta dos seus biógrafos: Ernesto Vieira, professor do Conservatório e autor do *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*. A ataque violento e parcial, sucedeu vigorosa defesa a que não faltou também paixão...

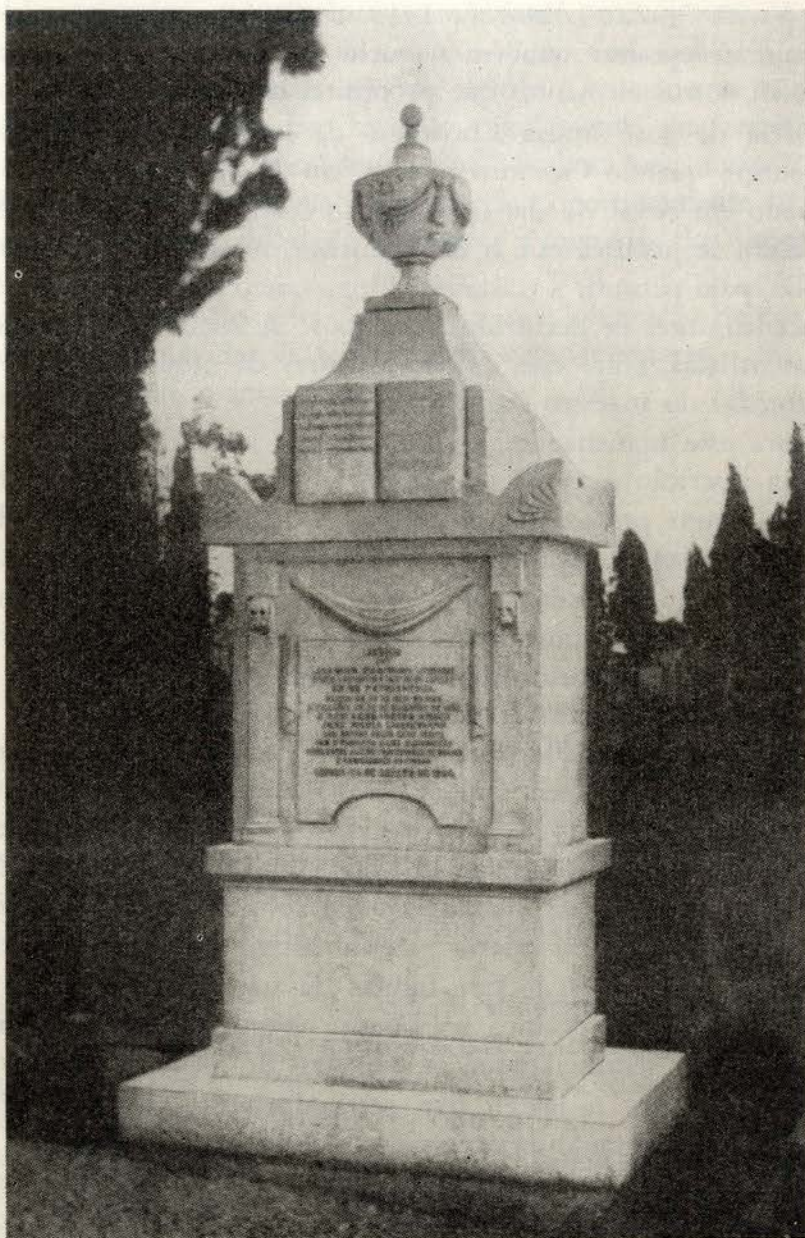
Fora as naturais invejas, que o valor sempre desperta (não esquecer a atitude de alguns dos mestres estrangeiros de S. Carlos...), Casimiro contou sinceras amizades, em primeiro lugar de muitos dos seus colegas, apesar de «oficiais do mesmo ofício»... Ele bem merecia tais dedicações, pela natural bondade que sempre o distinguiu. Certamente quem melhor descreveu o seu carácter foi José Romano, artista e escritor teatral, um excêntrico (mais excêntrico do que Casimiro...), que no *Eco Musical*, n.ºs 8 e 9, de 1873, deixou exaradas preciosas recordações do seu grande amigo. Ouçamos algumas, que rematam a descrição da curiosa indumentária de Casimiro (²):

Nasceu, viveu e morreu o ente mais inofensivo deste mundo. Não era homem de barulhos, e muito menos de brigas. Naquela alma não havia ódio, nem maldade, nem inveja, nem nenhuma dessas ruins paixões que levam os homens aos últimos extremos; todo ele era mansidão e descuido.

.....

A principal das suas virtudes era a fé, a crença sem ostentação nem fanatismo. Não revelava as exterioridades da hipocrisia nem as susceptibilidades dos beatos. Quando, em reunião de que fizesse parte, a conversação caía sobre matéria religiosa e as ideias expendidas começavam a mostrar-se menos ortodoxas ou licenciosas, não as combatia: disfarçava e afastava-se sem dar lugar a que fosse notada a sua ausência.

E que dizer da profunda afeição do seu colega José Maria Christiano, que tão diligentemente tomou a iniciativa da construção do jazigo onde repousam os restos mortais do compositor? Sabia-se, por informação de



Jazigo de Joaquim Casimiro no Cemitério do Alto de S. João, erigido por subscrição iniciada por José Maria Christiano

Ernesto Vieira — *Eco Musical*, 1913 e 1914 —, que esse dedicado amigo quisera repousar também naquele túmulo. Podemos agora completá-la com outros elementos que propositadamente colhemos⁽³⁾.

A ideia de José Maria Christiano de levantar aquele monumento fúnebre surgiu quando Casimiro faleceu, em 28 de Dezembro de 1862, e foi inumado em coval no dia imediato no cemitério do Alto de S. João, pois só assim se justifica que o enterramento tivesse sido feito em caixão de chumbo, para permitir a trasladação logo que o jazigo ficasse concluído, o que sucedeu antes de decorridos dois anos. A iniciativa teve logo apoio de muitos artistas, entre eles os componentes da orquestra de S. Carlos, por intermédio do maestro Angelo Frondoni.

Embora esta homenagem, como acaba de ver-se e se encontra mencionado na inscrição gravada no jazigo, tenha sido devida a «subscrição feita entre alguns professores de música e admiradores do finado», foi José Maria Christiano que ficou seu proprietário. O jazigo, aliás, já existia, tendo sido fundadora D. Marcelina de Faro. Passou, em 20 de Junho de 1864, para o novo concessionário, continuando com o n.º 353. Concluída a sua transformação, fez-se, com grande solenidade, a trasladação. Em 1872, foram lá também inumados D. Maria do Carmo Figueiredo e Bernardino Baptista Lopes de Figueiredo, esposa e enteado de Casimiro (designada ela ainda pelo apelido do primeiro marido), em 15 de Outubro e 25 de Novembro; em 19 de Janeiro de 1885, D. Teresa Rita Christiano, esposa do concessionário; e em 27 de Novembro de 1887, José Maria Christiano, sobre cujo falecimento o *Diário de Notícias*, da mesma data, inseriu extenso artigo altamente elogioso, em que foram focadas, mais do que facetas da sua vida de artista, pormenores da sua actuação política no campo liberal, isto é, precisamente o oposto àquele que sempre contou as simpatias de Joaquim Casimiro.

Embora singelo, o jazigo tem certa distinção. Da rua n.º 1, na rampa que nasce ao fundo da capela do cemitério, foi, muitos anos depois, transferido para local escuso (rua n.º 3-A): resultado das transformações verificadas nos cemitérios da capital em consequência da proposta do vereador Dr. Alfredo Guisado, apresentada em Junho de 1923 à comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa. Fora restaurado, no início de 1914, por diligência de Ernesto Vieira, ao tempo director do *Eco Musical*, órgão defensor dos músicos portugueses⁽⁴⁾, com o produto de uma subscrição aberta no mesmo semanário antes do início da direcção daquele professor. Possivelmente, terá também sido beneficiado por

ocasião da sobredita transferência, conforme procedimento adoptado pela Câmara em relação a outros túmulos então deslocados (°).

Nenhum dos descendentes de José Maria Christiano se habilitou à posse do jazigo, pelo que em face do regulamento dos cemitérios de Lisboa, a sua situação é de «abandonado». Embora seja nossa convicção que a Ex.^{ma} Câmara não deixará de apreciar oportunamente o assunto, considerando a indispensabilidade de honrar a memória dos lisboetas que bem-serviram o País e a sua cidade natal — como é o caso do maestro Casimiro —, afigura-se-nos estar indicada a sua integração no património municipal, após cumpridas as formalidades regulamentares.

O jazigo ostenta a inscrição seguinte:

JAZIGO
DE
JOAQUIM CASIMIRO JUNIOR
INSIGNE COMPOSITOR E MESTRE DE CAPELLA
DA SÉ PATRIARCHAL.
NASCEU EM 30 DE MAIO DE 1808,
E FALLECEU EM 28 DE DEZEMBRO DE 1862.
O SEU VERDADEIRO AMIGO
JOSÉ MARIA CHRISTIANO
LHE MANDOU ERIGIR ESTE JAZIGO
COM O PRODUTO DE UMA SUBSCRIÇÃO
FEITA ENTRE ALGUNS PROFESSORES DE MUSICA
E ADMIRADORES DO FINADO.
LISBOA 25 DE AGOSTO DE 1864.

Nomes notáveis do meio artístico e social deram particular relevo ao acto da trasladação dos restos mortais de Casimiro. De notar, a participação do afamado orador, filho de Lisboa, cónego Dr. Francisco Soares Franco Júnior — herdeiro de um grande nome, pois seu pai contou-se entre os maiores valores da medicina portuguesa da época —, que, em formoso panegírico, exaltou o mérito do artista na cerimónia efectuada na capela do cemitério, página arquivada nos seus *Sermões*, vol. III, Lisboa, 1864.

Ao abrir o relato do acontecimento, escrevia *A Revolução de Setembro* do dia imediato:

O singelo monumento consagrado ao maestro não foi um túmulo aos seus ossos, senão um altar ao seu génio. Quando na casa do Senhor vibrarem os seus

divinos acordes, quando no teatro o espírito do povo se enlevar nas suas inspiradas melodias, a posteridade irá ali sagrar-lhe a sua admiração.

No dia 27, o mesmo diário publicou a autobiografia de Casimiro, precedida das palavras seguintes do grande jornalista Eduardo Coelho:

Em 28 de Dezembro de 1862 baixava à terra do sepulcro o cadáver de uma das mais esplêndidas glórias musicais do nosso século em Portugal, Joaquim Casimiro Júnior, génio tocado pela vara mágica do anjo da harmonia, e que numa carreira demasiado curta para tanto mérito soube aliar os mais difíceis preceitos da arte de Cimarosa às mais arrojadas concepções da sua fecunda imaginação.

Casimiro Júnior, nos hinos que entreteceu à Divindade, igualou os Pergolesi, os Durante e os Jomelli; e nas músicas profanas seguiu de perto a trilha dos Gluck e dos Mozart.

Incendido no místico fogo da inspiração, era para ver-se a admirável facilidade com que aquele singular compositor traduzia sobre a pauta, em signos musicais, as deliciosas harmonias que o génio dos Rossini e dos Meyerbeer lhe revelava!

E passou, cingindo simultâneamente na frente a coroa de louros e a coroa de espinhos, e iria esquecer, como têm sido esquecidos tantos outros, se a dedicação de um amigo verdadeiro não bradasse à classe música:

«Atirastes com os seus restos para uma rasa cova? Outro tanto vos será feito. Esqueceste-lo, ingratos? Haveis de ser também esquecidos. Quereis que vos exaltem e engrandeçam os estranhos, e vós não engrandeceis os vossos? Olhai que a justiça de Deus é implacável e infalível!»

Da apóstofre, que estimulou os ânimos, nasceu o singelo monumento pelo qual foram resgatados os ossos do grande maestro, monumento que é um altar erguido ao génio e um brasão à classe.

Doravante, quando na casa do Senhor vibrarem os divinos acordes do finado compositor, quando no teatro o espírito do povo se enlevar nas suas inspiradas melodias, a posteridade irá ali sagrar-lhe a sua admiração.

Para completar a obra de J. M. Christiano damos aqui lugar à curiosa biografia do maestro, escrita por ele mesmo, e encontrada entre os seus papéis.

Se nos condenar a memória de Casimiro por esta revelação, a classe música há-de absolver-nos. Casimiro mostra que juntava a um ardente espírito um grande coração.

Muitos outros testemunhos podíamos citar, dado o valor e competência dos que os firmaram, no objectivo de vincar o alto conceito em que foi tido por seus coevos o mestre que tanto illustrou a nossa arte

musical. Um deles se apresenta — local transcrita do *Jornal do Conservatório*, n.º 3, de 22 de Dezembro de 1839 —, dado o seu significado, visto não exaltar Casimiro por seu gosto puramente italiano (tendência sempre apontada pelos seus detractores), e ainda pela índole da publi-



Maestro-Compositor Hugo Vidal
(1886 - 1940)

Neto de Joaquim Casimiro

cação que o inseriu, o que pode indicar senão autoria, pelo menos aprovação de Garrett⁽⁶⁾. Não deve esquecer-se que, poucos anos depois, foram escritos dez números de música, para as *Profecias do Bandarra*, por Joaquim Casimiro, que contava o grande escritor no número dos seus admiradores.

O Sr. Casimiro

Em uma festividade que teve lugar no dia 12 em a Freguesia de S. Cristóvão, ouvimos uma Missa da composição deste insigne artista, que nos entranhou o maior prazer, e admiração, e pasmo. Em verdade, di-lo-emos com franqueza, não cuidávamos haver ao presente um génio músico português de tal força. A delicada melodia, as soberbas e altivas harmonias, os grandes efeitos de instrumentação, tudo enfim abunda, que não falta, nesta produção. Tenha o Sr. Casimiro estas nossas expressões como filhas da nossa admiração conscienciosa: pois não temos o prazer de conhecê-lo; ostente-se sem receio, que em si muito para criminar seria; e meta ombros à composição de uma OPERA; pois que esperamos seja um condigno



Gravura que serviu para ornamentar, de 1769 a 1853, as cartas-patentes da Irmandade de Santa Cecília, à qual pertenceu Joaquim Casimiro, tendo entrado em 1818 (aos dez anos, como «soprano»), saído em 1838 e reentrado em 1840

rival dos grandes mestres, especialmente alemães, cuja preexcelente escola tão ditoso lhe vemos seguir.

Após esta crítica da época — opinião que pode denominar-se técnica — justifica-se a citação de uma das mais recentes apreciações, da autoria do eminente musicólogo rev. cónego José Augusto Alegria, a propósito do notável concerto comemorativo do centenário a que estamos aludindo, realizado no Teatro da Trindade, de Lisboa, em 28 de Dezembro último, por iniciativa de *Polyphonia* (7). Em ambos os escritos, distanciados mais de um século, presta-se justiça (com a imparcialidade e competência que, tantas vezes, escasseiam aos que entre nós se ocupam de temas musicais) ao grande mérito de Casimiro:

Vivendo em tempos em que a execução da música vocal e instrumental não se limitava a alguns concertos anuais e a uma época de ópera em S. Carlos, mas em que quase cada igreja se abria à composição original dos músicos portugueses, Joaquim Casimiro conseguiu marcar a sua presença de forma notabilíssima, alcançando invejável popularidade e prestígio com as mais apreciadas composições.

Músico até à medula dos ossos, pôde, no pouco tempo que viveu, deixar-nos uma bela obra, onde, a par de páginas escritas por encomenda, há surpreendentes estos de inspiração que o alcandoram ao galarim dos artistas de eleição. Diga-se desde já, porém, que não há nenhum grande artista de quem se não possa dizer o mesmo. A missanga mistura-se sempre com as pérolas...

.....

Evidentemente que os *ferozes* de tudo quanto é moderno, pensando na missa de Strawinsky, por exemplo, concluirão lógicamente pelo gosto ultrapassado da música de Joaquim Casimiro; e nem se lhes pode dizer que nunca a música religiosa de Strawinsky conseguiu ou conseguirá criar o entusiasmo que rondou a obra de Casimiro no seu tempo.

Na obra de Joaquim Casimiro, o que está verdadeiramente ultrapassado, salvo excepções, é o sentimento litúrgico da sua música; mas este não se confunde nem com o religioso nem muito menos com o pensamento musical. Este fenómeno não é, porém, exclusivo do compositor português.

Nesse aspecto está ultrapassada a *missa em fá* de Bach, como as de Haydn, as de Mozart, as de Berlioz, as de Liszt, as de Bruckner e de tantos outros entre os quais se mete a novíssima de Igor Strawinsky.



Outro muito dedicado amigo de Casimiro foi o Dr. Guilherme Centazzi, médico, escritor e também compositor, embora nesta última

modalidade se tenha limitado a pequenas peças de singela técnica, algumas destinadas a obras dramáticas de sua autoria. Vulto muito distinto na sociedade do tempo, a sua bibliografia demonstra grande operosidade, quer no campo da medicina, quer no dos seus devaneios literários.



Selo branco da Irmandade de Santa Cecília

Doutorou-se em Medicina em Paris, onde viveu como emigrado político devido às ideias liberais que sempre professou. O seu nome seria talvez completamente ignorado hoje, se não tivesse composto a fórmula de uns rebuçados contra a tosse, ainda muito em voga em nossos dias...

Entre os volumes publicados pelo Dr. Centazzi conta-se o intitulado *Recreios Poéticos*, Lisboa, 1864, de 208 p. + 1 folha contendo uma melodia para canto e piano denominada «Num Album». Do género e valor das poesias incluídas neste livro, dão segura ideia as duas quadras iniciais:

Aos bondosos corações

Cuidei deixar em paz a triste pena
Cansada d'escrever...
Mau fado meu!... A sorte determina
Que o não devo fazer...



CARTA PATENTE
DO
MONTE-PIO
PHILARMONICO.

INSTALADO NESTA CORTE E CIDADE DE LISBOA AOS QUATRO DE NOVEMBRO DE MIL OITOCENTOS TRINTA E QUATRO; E FIRMADA COM O SELLO DA SOCIEDADE:

Pela qual reconhecemos Contribuinte do mencionado Estabelecimento ao Sr. *Eduardo Neuparth* Musico de Profissão morador na *Rua Nova do Almada N.º 7*, Freguezia *dos Martyres* — por nos ser apresentado o Recibo da Comissão de Caixa que achámos legal, no qual mostra ter pago a quantia de quatro mil e oitenta réis metal para o fundo do indicado Estabelecimento, e ficará gosando de todas as regalias, que por Lei do nosso Compromisso lhes são inherentes, e igualmente sujeito ás penas, que no mencionado Compromisso estão prescriptas. Casa de Conferencias aos *12*. do Mez de *Dezembre* — de *1834*.

COMISSÃO FISCAL.

Presidente

Joaquim Casimiro

Secretario

Manuel José de Sá

LISBOA: 1835. NA TYPOGRAPHIA DE JOSE BAPTISTA MORANDO. — Rua dos Calafates N.º 114.

Carta-patente do Montepio Filarmónico, fundado em 1834, de que fez parte Joaquim Casimiro, inscrito logo no início da instituição. O exemplar reproduzido pertenceu a Eduardo Neuparth, destacada figura do meio musical de Lisboa e pai de Augusto Neuparth, considerado o primeiro concertista mundial de fagote do seu tempo

Não busco louros, com mesquinhos versos,
Nem d'author o brazão...
Busco, por via de um trabalho honesto
Lutar c'a sem-razão.

Uma das suas composições (pp. 148 e 149) — e por isso citamos esta obra — é consagrada simultâneamente à memória do maestro Casimiro e a José Maria Christiano. Sendo testemunho da amizade que o bondoso Dr. Centazzi dedicava a esses dois inseparáveis artistas, é também curioso espécime do gosto dominante na época, portanto subsídio interessante para o estudo da vida lisboeta de há um século. É o que nos leva a fazer a sua transcrição, embora também nos seja agradável encerrar esta colectânea de louvores ao notável compositor com uma página que enternecedoramente prova quanto vale a amizade quando sincera:

Uma lembrança

Oferta ao meu amigo, o sr. José Maria Christiano, como inaugurador do monumento ao nosso finado amigo, o distinto artista português e compositor de música — Joaquim Casimiro Júnior.

Ali... naquela fria sepultura,
Restituído ao pó dorme sem vida
O génio raro... o lusitano Orfeu...
Guardemos de seu corpo tristes restos
Pois que a alma é do céu!

Poucas vezes seus cantos s'elevaram
Que não votassem glória ao Criador...
Magos acordes, cuja majestade
Nos definiam, no vibrar dos ares,
O céu... a eternidade...

Casimiro!... Morrendo, porventura
Só nos legaste pó?! Simple lembrança?
Certo que não... Se a vida nos condena
Ao triste esquecimento, ao pó, ao nada,
O mérito da pena...

Depois da vida a voz da fama soa,
Morre da inveja o hábito nojento,
Mil cultos chovem, mil adorações...
Vê, Casimiro, como, após três séculos,
Vitoriam Camões!...

Tu deixaste no mundo um velho amigo,
Teu irmão por Apolo... Homem zeloso
De nome português... Christiano hunrado
Salvou teus ossos... Ofertou à fama
Teu mérito ilustrado!...



NOTAS

(1) Joaquim Casimiro escreveu para vindouros uma síntese da sua vida; não permitiu, porém, que o fotografassem... O retrato que reproduzimos foi feito, após a morte do artista, pelo cenógrafo Barros, que de memória fixou as feições e indumentária habitual de Casimiro (195 × 147 mm — «Lith de Lopes. Rua N. dos M.^{os} 2»), publicado na *Illust. Popular*, 2.º vol., Lisboa, 1868 e em exemplares de cartão; n.º 655 do *Dicionário de Iconografia Portuguesa*, de Ernesto Soares e Henrique de Campos Ferreira Lima, 1.º vol., Lisboa, 1947.

A autobiografia foi publicada, pela primeira vez, em *A Revolução de Setembro*, de 27 de Agosto de 1864: é o que se depreende das palavras de Eduardo Coelho que a acompanham. Além da inserção no *Eco Musical*, do ano de 1873 — versão um tanto diferente, como referimos no texto — e no *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*, de Ernesto Vieira, tem sido várias vezes reproduzida na íntegra ou parcialmente. Conhecemos duas transcrições completas: em *A Federação* — «Folha Industrial Dedicada às Classes Operárias», vol. IX, n.º 30 — Lisboa, 26 de Novembro de 1864, com as sobreditas palavras de Eduardo Coelho; e no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1909*.

Quanto ao texto da autobiografia: 1.º — é estranho que Casimiro afirme que «só na religião tenho achado abrigo e consolação» e termine dizendo que «não é a primeira vez que penso no suicídio»; 2.º — diz que foi obrigado a «emigrar», mas o certo é que apenas se ausentou, durante algum tempo, de Lisboa; 3.º — se o destino lhe matou o coração roubando-lhe as carícias de todos «os entes que mais amava», é certo que era casado e tinha filhos.

Descendentes de Joaquim Casimiro

Filho legítimo de Joaquim Casimiro da Silva, chefe da copistaria do Teatro de S. Carlos, e de Maria Gertrudes, o maestro Joaquim Casimiro Júnior casou com Maria do Carmo Figueiredo, viúva de José Baptista Lopes de Figueiredo. No registo do óbito da esposa, ocorrido dez anos depois do do Artista, figura ainda o apelido do primeiro marido.

Teve Joaquim Casimiro duas filhas — Carlota Joaquina da Silva, legítima, falecida em idade muito avançada no ano de 1913, que usou também o nome de Carlota Joaquina de Faria, por ter casado com Guilherme Faria († c. 1880), e Angelina Vidal (1853-1917), que se notabilizou como escritora e conferencista, viúva desde 1894 do médico da Armada Dr. Luís Augusto de Campos Vidal; e também um filho ilegítimo, conforme consta do assento de óbito do compositor (documento de que, antes de termos dele tomado directo conhecimento, nos falara o nosso Amigo, maestro Mário de Sampayo Ribeiro). É esta a única alusão, que julgamos existir, a um directo descendente varão de Casimiro, não sendo descabido lembrar que, frequentemente, se encontram elementos inexactos em assentos de

óbito, por serem provenientes de informações ocasionais prestadas por pessoas desconhecedoras dos factos a que aludem.

Angelina Vidal teve cinco filhos: D. Maria Julieta de Campos Vidal (1873-1944); D. Violeta de Campos Vidal (1874-1916); Antonino de Campos Vidal (1876-1912); Ema de Campos Vidal (1879-1885) e Hugo Casimiro Vidal (1886-1940).

D. Maria Julieta de Campos Vidal casou em 1902 com Eduardo Cayolla, do qual enviuvou em 1924. Dos seus cinco filhos, viveram D. Carlota Angelina, que faleceu solteira, apenas com dezoito anos, e Manuel Casimiro Vidal Cayolla (1906-1955), funcionário público e distinto escritor, com larga colaboração na imprensa, tendo desempenhado as funções de secretário da redacção da folha literária *Fradique*, e que casou com D. Maria do Carmo Correia Cayolla. São seus filhos: D. Maria Manuela Vidal Cayolla, Eduardo Manuel Correia Vidal Cayolla e D. Margarida Leonor Vidal Cayolla, portanto trinnetos do maestro Joaquim Casimiro.

D. Violeta de Campos Vidal faleceu solteira; e Ema de Campos Vidal viveu apenas cerca de cinco anos, como acima se indica.

Antonino de Campos Vidal, oficial do Exército, casou com D. Rosália da Conceição Domingues de Campos Vidal, tendo tido quatro filhos, existindo três: D. Maria Alice Domingues de Campos Vidal, D. Dagmar Domingues de Campos Vidal, ambas solteiras, e Luís Augusto Domingues de Campos Vidal, oficial do Exército, da arma de Artilharia — que são bisnetos de Joaquim Casimiro, sendo consequentemente seus trinnetos os dois filhos do Sr. Major Luís de Campos Vidal.

Hugo Casimiro Vidal, maestro-compositor, conhecido apenas por Hugo Vidal, escreveu muita música para o teatro ligeiro, em que conquistou grandes triunfos. São seus filhos, sem descendência, D. Ema Angelina Vidal e Hugo Casimiro Vidal, bisnetos de Casimiro.

(²) Posteriormente a José Romano, outro autor — Luís Augusto Palmeirim — ocupou-se da caprichosa existência de Casimiro, tendo-o incluído entre os quarenta e quatro biografados no livro *Os Excêntricos do meu Tempo* — Lisboa, 1891. O respectivo capítulo, intitulado «O Maestro Casimiro» (pp. 123-133) é baseado na autobiografia, mas logo no início se deparam ao leitor informações muito curiosas. Eis algumas:

«Quem visse, pela primeira vez, o maestro Casimiro tomá-lo-ia por um professor de latim, sabendo de cor o seu Eutrópio, à força de o ouvir traduzir aos rapazes, ou então por um procurador de causas, desorientado com a sentença de um juiz de primeira instância contra o seu cliente, tão desordenados eram os seus movimentos, incerto o seu olhar, sardónico o seu sorriso.

Modesto no trato particular, e sem demasias de orgulho no exercício da sua profissão, ele, o maestro, não só festejado mas respeitado pelos seus colegas, quando eu mais de perto o conheci, e tratei, tocava despreocupadamente tímboles na orquestra do teatro de D. Maria II.

O contraste entre as duas manifestações da arte musical — maestro e timbaleiro — dão desde logo a medida da originalidade do carácter do homem que, ao findarem os espectáculos no teatro de D. Maria II, partia a pé para o Campo Grande, onde por esse tempo residia, debaixo às vezes de chuvas torrenciais, sem mais agasalho do que um pobre chale-manta, e alguns quartilhos de vinho, bebidos sobre uma boa caldeirada de lulas.

Pois o homem que assim levava vida tão de boémio, tendo já cinquenta e dois anos feitos, e que descia das elevadas regiões da arte, a tocar ingenuamente tímboles numa orquestra de segunda ordem, tinha os seus arrancos íntimos de orgulho, que ninguém lhe suspeitava, ouvindo-o falar.»

(³) Consignamos aqui o nosso reconhecimento ao Ex.^{mo} Sr. José Aires Gomes Ponce, digno Administrador do 1.^o Cemitério, que muito amavelmente nos elucidou acerca do jazigo do maestro Casimiro.

(⁴) O semanário *Eco Musical*, na sua modalidade de «Órgão Defensor dos Músicos Portugueses», iniciou a publicação em 1911. Trata-se, portanto, de periódico muito posterior ao do mesmo título, citado a propósito do artigo de José Romano.

Acerca da subscrição aberta no *Eco Musical* e cujo produto foi utilizado para o restauro do jazigo, por deligência de Ernesto Vieira, esclarecemos que ela se destinava também à colocação de uma lápide na casa em que faleceu Joaquim Casimiro, situada na Rua do Telhal, 15. Esta ideia deve, certamente, merecer ainda hoje aplauso, por se tratar de mais uma homenagem a quem tanto ilustrou a cidade em que nasceu. A numeração de polícia, naquela artéria, não foi modificada, pelo que não podem surgir dúvidas quanto à identificação do prédio. Haverá quem tome a iniciativa, decorridos cinquenta anos, de renovar esta sugestão?

(5) A fotografia do jazigo, cuja reprodução acompanha estas notas, foi tirada quando ainda se conservava na rua n.º 1, isto é, na principal do cemitério do Alto de S. João.

(6) A local inserta no *Jornal do Conservatório*, n.º 3, de 22 de Dezembro de 1839, foi citada no importante trabalho *A Música em Portugal nos Séculos XVIII e XIX (Bosquejo de História Crítica)*, de Mário de Sampayo Ribeiro; sep. da revista *História*, série *a* — Lisboa, 1936. A hipótese da atribuição dessa local a Almeida Garrett foi sugerida pelo ilustre autor desse estudo.

(7) O notável artigo do rev. cónego José Augusto Alegria intitula-se «O Centenário da Morte de Joaquim Casimiro Júnior»; foi publicado em «Letras e Artes», suplemento do diário *Novidades*, de Lisboa, ano xxv, de 7 de Janeiro de 1963. Refere-se ao concerto realizado em 28 de Dezembro último, no Teatro da Trindade, sob a direcção do maestro Mário de Sampayo Ribeiro, cujo programa constou unicamente de obras de Casimiro, tendo sido executantes o grupo coral «Polyphonia», vários solistas (artistas e amadores) e a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional de Radiodifusão.



A ANTIGA FREGUESIA DOS OLIVAIS

por RALPH DELGADO

A antiga freguesia dos Olivais foi criada em 6 de Maio de 1397, pelo arcebispo de Lisboa, D. João Anes, e confirmada pela bula de 1 de Julho de 1400, do papa Bonifácio IX⁽¹⁾.

A freguesia pertencia ao *Termo* de Lisboa, como se depreende da vastidão da área incluída nas cartas das doações feitas por D. João I, à cidade, no ano de 1385, e nele se manteve até ao terceiro quartel do século XIX⁽²⁾.

Apesar de se tratar de uma data muito longínqua, remonta a ela a instituição de alguns vínculos olivalenses, que floresceram até à extinção dos morgados. Estão neste caso, por exemplo, o de João Esteves Azambuja, tio do cardinal D. João Esteves da Azambuja, 2.º arcebispo de Lisboa e fundador do padroado do mosteiro do Salvador, vínculo que entrou para

(1) Arquivo do Vaticano, *Regesta Lateranensia*, vol. 80, fls. 155v/157. Deve-se esta preciosa descoberta ao reverendo padre António Brásio, da Academia da História. Dedicado, com notável brilho, à investigação e à compilação de documentos relativos aos primórdios da África Ocidental Portuguesa, o paciente autor de *Monumenta Missionaria Africana*, missal dos estudiosos do Ultramar, prestou, assim, um alto serviço a Lisboa, durante as pesquisas que efectuou, com demora, no Vaticano. Daqui renovamos, ao distinto historiador, os agradecimentos que pessoalmente lhe transmitimos, pela sua amiga e valiosa comunicação, que permite assinalar uma contribuição importante a favor da história paroquial da cidade, digna do apreço de todos os olisiponenses.

(2) *Dispersos*, pág. 37, do engenheiro Augusto Vieira da Silva.

a casa dos condes dos Arcos⁽³⁾; e o de Martim Lourenço da Cunha, regido por suas disposições testamentárias de 18 de Janeiro de 1394 (ou 1398), que acabou nas mãos dos viscondes da Juromenha⁽⁴⁾.

A área dos Olivais, como é sabido, era bastante extensa e estava subdividida em variadíssimos *lugares*, cujos nomes de baptismo, em grande maioria, entram na noite do tempo, mas que se conservaram, regra geral, até à actualidade. Não podemos reconstituir a lista dessas pequenas jurisdições, à data do nascimento da freguesia, por falta de elementos; no entanto, os livros paroquiais, com princípio no fim do século XVI, e os livros dos *arruamentos*, destinados ao lançamento da *décima*, relativos a um período encaixado entre o 3.º quartel do século XVIII e o 2.º do século XIX, permitem-nos repor, com segurança, toda a prolixidade divisionária dessa paróquia rural repleta de belas realidades, em relação ao final do século XVII.

Realmente, o panorama geral dessa época, pouco alterado ainda há poucos anos, era composto por esta forma, começando a partir do adro da igreja de Santa Maria dos Olivais: Castelo (seguido, depois, pelas Casas Novas), Rio de Nossa Senhora, Cavalões, Alagueza, Encarnação, Panasqueira, Portela, Estrada de Sacavém (lado ligado à Bela-Vista), Fonte do Louro, Bela-Vista, Flamengo, Malapos, Chelas (parte), Alto de Chelas (ou Alto das Conchas), Prestes, Grilo, Cruz das Veigas, Marvila (ou Herdade), Poço do Bispo, Olival de São Bento, Beato, Alfundão (ou Vale Fundão), Vale Formoso de Cima (incluindo o Alfenim e o Desterro), Vale Formoso de Baixo (incluindo o Braço de Prata), Cabo Ruivo, Hortas, Moinhos de D. Garcia, Praia, Lage, Jardim, Castelo Picão, Vale de Alcaide, Mesquitas, Poço de Cortes, Vale de Gralhas, São Cornélio, Fonte, Rocio, Tanque Velho, Aldeia, Beirolas, Marcos e Murteira. Quarenta e três lugares.

(3) Pertenceram ao morgado de João Esteves da Azambuja as quintas dos *Cavalões*, das *Portas de Ferro* e da *Torre*, a primeira no sítio dos Cavalões e as duas restantes na Panasqueira. A quinta dos *Cavalões*, também denominada quinta do *Conde dos Arcos*, é propriedade do município e está transformada em viveiro. (Informações amavelmente facultadas pelo sr. conde dos Arcos, D. José Manuel de Noronha e Brito Meneses de Alarcão, genealogista erudito que muito nos tem distinguido com a sua penhorante colaboração).

(4) O morgado de Martim Lourenço era composto por uma área encaixada entre o Cabo Ruivo e as proximidades do Poço do Bispo, parcelada por aforamento, durante o século XVI, onde figuraram as quintas do *Lacerda*, da *Matinha*, do *Guilherme Adam* e dos *Quatro Olhos*. A quinta da *Matinha* foi nem mais nem menos do que a célebre quinta do *Braço de Prata*, do memorável António de Sousa de Meneses, falecido no Brasil.

Povoada de quintas atraentes, algumas famosas, dotadas de casario agradável, ligadas à fidalguia de Lisboa, a enorme divisão eclesiástica, verdadeiro somatório de dezenas de pequenos aglomerados rústicos, sofreu importantes mutilações, até aos nossos tempos, que lhe reduziram sensivelmente as proporções. No domínio dessas várias reduções, são de salientar, por terem maior vulto, as seguintes: o funcionamento, em 1756, da nova freguesia do Beato, que lhe levou Chelas, Grilo, Beato e Poço do Bispo⁽⁵⁾; a carta de lei de 18 de Julho de 1885, que lhe subtraiu a parte do território colocada além da estrada da circunvalação, anexada ao concelho



Aglomerado principal do velho lugar de Poço de Cortes, hoje desaparecido

de Loures em 26 de Setembro de 1895, onde se fundou, no velho sítio dos Marcos, em 1928, a freguesia civil de Moscavide; e, em 1959, a instituição de novas paróquias, a saber: Marvila, Alto do Pina, Alvalade, São João de Deus e São João de Brito. Por força deste último desdobramento, os Olivais ficaram sem uma área importantíssima, representada pela Estrada de Sacavém (parte), Portela (parte), Fonte do Louro, Bela-Vista, Malapos, Alto das Conchas, Prestes, Poço de Cortes, Vale de Gralhas, Vale Fundão, Marvila, Vale Formoso de Cima e Vale Formoso de Baixo (parte).

⁽⁵⁾ Os livros paroquiais, existentes no Tombo, começaram a ser escritos, efectivamente, neste ano. O plano de remodelação das freguesias, depois do terramoto, é de 1770, reformado em 1780.

Um profundo corte numa extensão que acusava, em 1958, uma superfície de 10,74 km², ou fosse o 2.º lugar da lista paroquial de Lisboa, onde o primeiro, com 11,76 km², cabia à Ajuda.

Transformados, como estavam, em logradouro da melhor sociedade lisboeta, não faltaram, aos Olivais, importância e projecção capazes de os impor ao crescimento da cidade, provenientes da sua amplitude, da sua amenidade, da sua beleza e propriamente do seu valor económico, estribado, naturalmente, nos olivedos e nas hortas. Por este facto, à medida que Lisboa se foi desenvolvendo, já no século XIX, a freguesia teve mais justo cabimento no quadro das suas divisões territoriais.

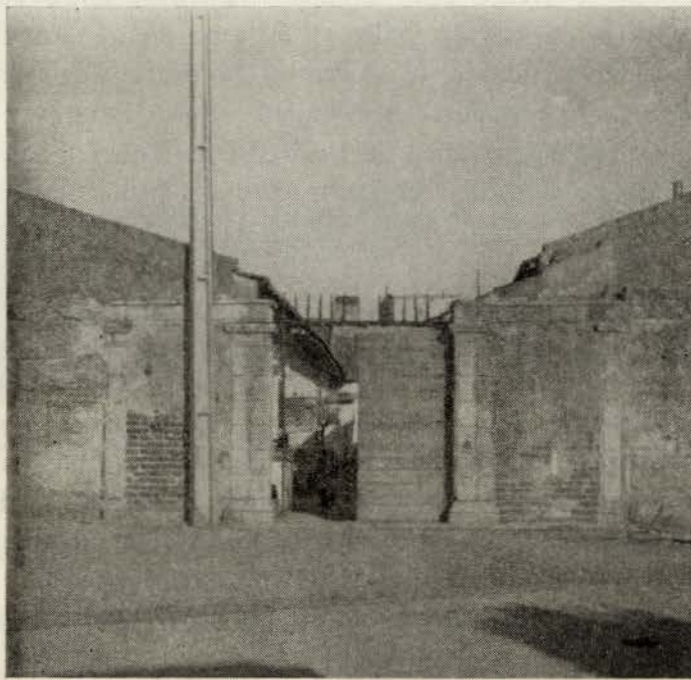
Temos diversos exemplos daquilo a que podemos chamar processo lento de anexação e vamos citar alguns. Vejamos: entre 1811 e 1834, Lisboa esteve dividida em 13 bairros: Alfama, Alto, Andaluz, Belém, Castelo, Santa Catarina, Limoeiro, Mocambo, Mouraria, Remolares, Ribeira, Rocio e Rua Nova. O primeiro destes bairros — a Alfama — compunha-se das freguesias de São Bartolomeu do Beato, Santo Estêvão, Santa Engrácia, São Martinho e São Vicente. O Beato, por consequência, continuava a exhibir, nessa altura, a «camisola amarela» da integração, principiada no século anterior.

Por outro lado, a divisão judicial da urbe, aprovada por decreto de 7 de Agosto de 1835, assentou em seis julgados: Alfama, Mouraria, Rocio, Bairro Alto, Santa Catarina e Belém, cada qual com o seu *Termo*. O *Termo* do bairro de Alfama compunha-se das freguesias de São Bartolomeu da Charneca, Campo Grande, São João da Talha, Santa Iria da Azóia, *Olivais*, Sacavém, Santiago dos Velhos e Vialonga. Esta divisão judicial serviu de molde, em 21 de Maio de 1841, a nova divisão administrativa da cidade, com *Termos* mais ou menos iguais, e os Olivais passaram, também administrativamente, para uma subalternidade igual à da forense.

Devemos esclarecer que, pelas divisões territoriais efectuadas no começo do 2.º quartel do século XIX, devido ao advento do constitucionalismo, surgiu a paróquia civil (depois freguesia civil) e que esta teve o mesmo território e a mesma denominação da eclesiástica; e que, mais tarde, este sistema foi alterado, recebendo o governo alçada, pela lei de 2 de Dezembro de 1840, para proceder à divisão, união e supressão de paróquias, para efeitos civis e judiciais.

Ao atingir o pináculo da sua preponderância, os Olivais subiram à categoria de concelho, por decreto de 11 de Setembro de 1852, da criação

do qual resultou a extinção do *Termo* de Lisboa, pálida amostra do que fora inicialmente, cabendo-lhe as seguintes freguesias: — Bucelas, São Julião do Tojal, Fanhões, Lousa, Santo Antão do Tojal, Lumiar, Ameixoeira, Campo Grande, São Jorge (extramuros), Loures, Frielas, Póvoa de Santo Adrião, Olivais, Beato António, Sacavém, Apelação, Camarate, Charneca, São João da Talha, Unhos, Vialonga e Póvoa de Santa Iria. E, ao proceder-se a nova divisão da cidade, por decreto de 21 de Outubro de 1868, depois de revogados os decretos de 26 de Junho, 10 e 17 de Dezembro de 1867, os concelhos dos Olivais e de Belém, com três grandes bairros, denominados Oriental, Central e Ocidental, constituíram as bases geoadministrativas do novo instrumento legal.



Ruínas da igreja do convento de S. Cornélio

Alguns anos passados, os decretos de 18 de Julho e 17 de Setembro de 1885, reformando, outra vez, a divisão da cidade, deram-lhe 4 bairros, «numerados de 1 a 4, cada um deles com 5 paróquias civis e estas formadas por número variável de freguesias eclesiásticas, no número de 44». Os Olivais ficaram no primeiro bairro. Em resultado da evolução, o diploma de 18 de Julho também ampliou a área de Lisboa, incorporando-lhe

algumas freguesias, ou parte delas, do concelho olivalense, que eram: — São Bartolomeu do Beato, Charneca, Ameixoeira, Lumiar, Olivais e Campo Grande. Sem direito a manter-se, em tais circunstâncias, o concelho dos Olivais foi extinto, em 26 de Julho de 1886.

Actualmente, a freguesia dos Olivais, que fazia parte do 1.º bairro de Lisboa, como dissemos, está colocada no 4.º bairro, nos termos da recente divisão administrativa, aprovada por decreto n.º 42 142, de 7 de Fevereiro de 1959, reduzida, como vimos, a uma pálida sombra do que fora.

Pela data da fundação de *Santa Maria dos Olivais*, infere-se que a sua primitiva igreja fosse também, pelo menos, do século XIV; mas, não se conhecem dados que o permitam asseverar, nem descobrir, tão-pouco, o nome do seu fundador. O que se tem por certo, mantido pela tradição, é que a imagem da padroeira foi encontrada na cavidade de um tronco de oliveira, cujo facto determinou o baptismo da paróquia.

Em 1420, ao fundar-se a corporação dos cônegos de São João Evangelista, a primeira casa que tiveram foi a igreja dos Olivais, oferecida pelo respectivo vigário. O sacerdote arrependeu-se, porém, da doação que fez aos lóios e expulsou-os; mas, em provável consequência da sua atitude, o cardeal D. Jorge da Costa, em 1483, uniu a referida igreja à capela de Nossa Senhora da Conceição, do convento de Santo Eloy, e, daí em diante, até 1834, os dízimos da freguesia pertenceram aos *azuis* ⁽⁶⁾.

Sita no antigo Rocio, a actual igreja dos Olivais, segundo informações autorizadas, é uma reedificação do templo antigo, posterior ao terramoto de 1755, com restauros do século XIX, nada havendo nela, portanto, que evoque a igreja tricentista. «Apenas a face lateral exterior, do lado Norte, guarnecida de contrafortes, e uma galeria interior, em escadaria, contínua à nave pelo mesmo lado, nos podem fazer recuar ao século XVIII». ⁽⁷⁾

Apesar disso, muitas das suas pedras tumulares recordam figuras preponderantes de épocas longínquas da famosa freguesia, e nesse número podemos incluir os morgados dos Bulhões, de que se salientam Simão Góis Machado e sua mulher, D. Leonor Bulhão, enterrados na mesma sepultura,

⁽⁶⁾ *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, vol. VI, pág. 244.

⁽⁷⁾ *Inventário de Lisboa*, de Norberto de Araújo, fascículo 10, pág. 63.

junto à capela-mor ⁽⁸⁾. Também aludem a algumas dessas figuras as duas pias de água benta, de mármore rosa carcomido, que ladeiam o guarda-vento, com o brasão dos Alpoins (a da esquerda) e com um brasão não identificado (a da direita), formado por seis bandas, com uma cabeça de águia no timbre, a servirem de chancela à legítima pertença das duas capelas laterais da nave, na primeira das quais, do lado Norte, ainda figuram, no topo do arco, as armas dos proprietários, enquanto o seu túmulo se oculta, na retaguarda, em piedoso recato. Por outro lado, a guarnição de talha da sacristia, que pertenceu ao convento de São Cornélio (em cuja capela tiveram derradeira morada, igualmente, pessoas muito antigas da jurisdição) e a imagem de roca da padroeira, colocada em pequeno altar, são lembranças concomitantes de tempos também distantes dos Olivais, cuja linguagem muda convida à meditação.

Conhecido e suficientemente divulgado o nome do fundador da capela dos Alpoins, hoje transformada em capela de Nossa Senhora de Lurdes: — Gomes Alpoim de Brito, com brasão de armas obtido em 17 de Novembro de 1573 (cinco flores-de-lis postas em sautor, com um antebraço a servir de timbre, segurando a divisa *Nostre Dame de Puy*), casado com sua prima, D. Ana de Figueiroa de Barros. Era neto de Amador Alpoim, guarda-roupa do Infante D. Pedro, escrivão da Fazenda de D. Duarte, presidente do Senado e fundador do morgado de Marcos, nos Olivais, com sede na quinta dos *Alpoins*; e enviuvou em 7 de Novembro de 1609 ⁽⁹⁾, vindo a falecer em 25 de Agosto de 1621 ⁽¹⁰⁾. A sepultura era para o casal e para os herdeiros, alguns dos quais, efectivamente, ali tiveram a última jazida, enquanto outros membros da família ficaram na capela-mor da igreja ⁽¹¹⁾.

⁽⁸⁾ Simão de Góis Machado e D. Leonor Bulhão eram bisavós de Francisco Faria Coelho, quinto administrador do morgado dos Bulhões, que incluía a actual quinta do *Ferro*, a seguir aos Marcos. D. Leonor instituíra uma capela com pensão de missas, na igreja da freguesia, constando de olival e terras de sementeira, partindo da quinta, cabeça do vínculo.

⁽⁹⁾ Livro de óbitos dos Olivais, n.º 1, págs. 36 v.

⁽¹⁰⁾ *Idem*, n.º 2, pág. 13.

⁽¹¹⁾ Outras pessoas sepultadas na capela-mor do templo: D. Maria de Melo, mulher de Francisco de Brito de Melo, falecida em 1 de Maio de 1617, morrendo o marido a 27 de Outubro de 1643; D. Joana, esposa de Lopo A. de Brito, falecida em 10 de Janeiro de 1622; Luís de Brito, filho de Francisco de Brito de Melo, extinto em 4 de Agosto de 1631; D. Inês de Barros, mulher de António de Barros Cardoso, morta em 15 de Setembro de 1664; e Pedro de Brito Delgado, finado em 4 de Agosto de 1670, residente em Vale Formoso (Livros de óbitos 1, 2, 3 e 4).

Da capela fronteira à dos Alpoins desconhece-se o fundador, como dissemos, mas sabemos tê-la utilizado, pelo menos no século XVII, a família dos Britos Delgados, moradora na Panasqueira, em quinta privativa. Ali foi sepultada D. Maria de Brito Delgado, falecida em 19 de Setembro de 1619⁽¹²⁾; D. Maria de Brito, viúva, extinta em 29 de Julho de 1644 e residente em casa de sua mãe, D. Agostinha de Ataíde, quando a capela pertencia a Diogo de Brito Delgado⁽¹³⁾; D. Maria Salema, esposa de Diogo de Brito Delgado, falecida em 18 de Março de 1650⁽¹⁴⁾; o próprio Diogo de Brito Delgado, desaparecido em 29 de Setembro de 1660⁽¹⁵⁾; provavelmente seu filho herdeiro, João de Brito Delgado, de quem não encontramos o registo de óbito; e a menor Isabel, filha deste último Delgado, cuja morte se deu em 30 de Setembro de 1692⁽¹⁶⁾. Presentemente, não há vestígios de sepulturas na capela, dotada de porta alta, de madeira gradeada, dedicada a Jesus Crucificado.

Encontrámos duas Irmandades, na freguesia, durante o século XVIII: de Nossa Senhora do Rosário, nome não extensivo à padroeira, que reputamos muito antiga, e do Santíssimo. Esta última ainda perdura⁽¹⁷⁾. As confrarias administravam o hospital da igreja, já existente em 1647, instalado, pelo menos no século XVIII, nas lojas das casas sitas à entrada do Rocio, do lado direito, pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, as quais passaram, cerca de 1809 em diante, para a posse de Tomásia Joaquina, nelas se encontrando, actualmente, depois de transformadas, o Asilo fundado pela viscondessa dos Olivais, D. Maria Rosa da Veiga, cuja inauguração se fez em 24 de Maio de 1896⁽¹⁸⁾.

(12) Livro de óbitos, n.º 1, págs. 6 v.

(13) Idem, n.º 3, pág. 24. As armas dos Ataídes são formadas por quatro bandas, tendo uma onça agachada no timbre. Se os Ataídes estiveram ligados aos Delgados, como se infere por este registo, é admissível a hipótese do brasão da pia de água-benta do lado direito do guarda-vento da igreja ser de um ramo daquela ilustre família, como já foi sugerido pelo sr. Boaventura de Noronha. No entanto, para irmos tão longe, somos forçados a reconhecer uma mudança radical no conhecido e divulgado brasão de armas dos Ataídes.

(14) Livro de óbitos, n.º 3, págs. 60 v.

(15) Idem, n.º 4, pág. 12.

(16) Idem, n.º 5, pág. 87.

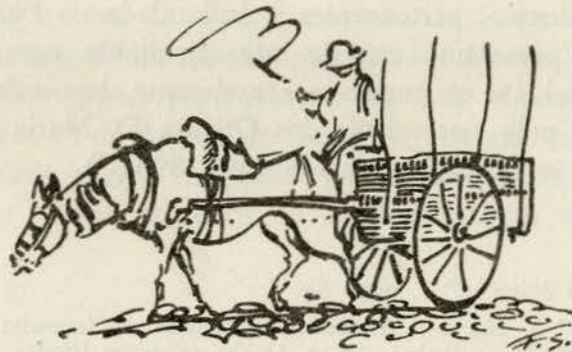
(17) «Livro em que se conservão as assinaturas das Pessoas Reais, que servirem ao Santíssimo Sacramento como juizes desta sua Irmandade da Paroquial Igreja de Nossa Senhora da Assumpção dos Olivais». De notar o nome dado, nesta altura, à padroeira.

(18) *Livro de arruamentos*, de 1809 a 1810, e Livro de óbitos, n.º 3, registo de 28 de Dezembro de 1647, a pág. 47.

Nota piedosa a focar, no final desta rápida deambulação pela freguesia de Santa Maria dos Olivais, o pequeno cruzeiro erguido no adro da igreja, onde se lê a seguinte legenda: «Esta c/rvs he de Nosa Sno/ra do Rozairo e Fr.º de Paiva a dev por sva devosão na era de 1636 anos». Tempos abençoados esses, em que a fé indestrutível removia montanhas e em que as verdadeiras dedicações se assinalavam perduravelmente!

Por decreto de 25 de Julho de 1860, foi conferido, aos Olivais, o seu brasão de armas, composto desta maneira: — «um escudo dividido em pala tendo na primeira as armas de Portugal e, na 2.ª, dividida em dois quartéis, no superior, em campo azul, a Rainha Santa Isabel, estando à direita o rei D. Dinis, seu marido, e, à esquerda, seu filho, o Infante D. Afonso, todas as três figuras em prata, com coroas e espadas de ouro; no quartel inferior, em campo de ouro, duas oliveiras, da sua côr, tudo encimado com coroa real».

Simbolizam estas armas as pazes feitas pela Rainha Santa Isabel entre seu marido e seu filho, em Alvalade, no ano de 1323.



O
CENÁCULO TÁBUA RASA
E OS
“AMIGOS DE LISBOA”

EM 15 de Novembro último o Cenáculo literário e artístico Tábua Rasa promoveu um jantar olisiponense no Restaurante da Casa do Alentejo. Para esse jantar, que foi presidido pelo Sr. Cabral, Presidente do Cenáculo, foi convidado o Grupo, que se fez representar pelo nosso Secretário-Geral e a ele assistiram os nossos consócios Srs. Comodoro Carlos Henriques e Jorge Rebelo. O Grupo e Lisboa foram saudados pelo Presidente e durante o jantar em que foram proferidos alguns discursos e recitadas várias poesias, Anita Patrício declamou os versos «Lisboa» de sua autoria e Nariáde Galvão, pseudónimo da poetisa D. Maria Joana Saúde de Abreu Carvalho, disse uma poesia de sua autoria sobre Lisboa. Os versos da notável declamadora Anita Patrício, que há bem pouco ainda colaborou connosco na conferência evocativa de Marcos Portugal e Joaquim Casimiro, e bem assim os da poetisa Nariáde Galvão são publicados neste número.

Nesse jantar o nosso Secretário-Geral, ao agradecer as homenagens e saudar os membros do Cenáculo, apresentou uma nóvula olisiponense aludindo à existência em recantos da cidade de curiosas inscrições e manifestações artísticas: referiu assim a existência da primeira lápida reguladora do trânsito, na parede dum prédio do lado direito do troço superior da Rua do Salvador, lápida que determinava a direcção das seges que se dirigiam para a Graça e S. Vicente; a peça de artilharia, de

ferro, que durante muito tempo esteve enterrada à esquina do Palácio Pomares do Largo do Mitelo e que deu o nome à botica que lá havia; o cão esculpido em pedra num dos pilares do muro de suporte do jardim Constantino para a Rua Aquiles Monteverde, marcando ter sido enterrado na sua base um cão que foi de Paulo Freire; e uma lápida colocada num dos arcos do claustro ou pátio interior do actual edifício da Escola Municipal do Largo do Leão a Arroios, que ainda hoje assinala que foi ali a sede da Câmara Municipal do extinto concelho dos Olivais.

A sala onde se realizou o jantar estava decorada com bandeiras da cidade.

E. N.



Lisboa

de Anita Patrício

Minha Lisboa velhinha
De rosto voltado ao mar,
És a Cidade Rainha
Do bloco Peninsular.

As tuas sete colinas
São as notas de um harpejo
A dedilhar ligeirinhas
Na Sinfonia do Tejo.

Chegando a Santa Luzia
Cai o olhar sobre Alfama,
E sente-se a euforia
Da alma da tua alma!

Os teus pregões seculares
Que o progresso amarfanhou,
Ainda são os pilares
Da Saudade que ficou.

Não há mercado janota
Por mais bem apetrechado
Que faça esquecer a nota
Do pregão do teu pescado.

Se ao Domingo vais às hortas
Descansar do teu labor,
Não fica fora de portas
O nosso apreço e louvor!

É que tu Lisboa amiga
És fiel à tradição,
E quer um fale, outro diga,
Impões a tua razão.

Nascestes à beira do rio,
O teu povo é teu irmão,
E cantas ao desafio
Com a voz do coração!

Viste partir Caravelas,
O pelejar das Batalhas,
As epopeias mais belas
Por sobre as tuas Muralhas!

Da Graça à Mouraria,
Da Alfama à Madragoa,
Tu manténs a fantasia
Que fez Grande, Lisboa!

E ao trinado das guitarras
Ouve-se em tom magoado
Uma das tuas Cigarras
Cantar e gemer o Fado!

Continua assim, serena,
A ti mesma sempre igual,
Seja com risos ou penas,
Senhora de Portugal!!!

Simples ... mas certa

de *Nariade Galvão*

Lisboa, pequena e gentil
num mundo grande e disforme,
és um sorriso de Abril,
uma esperança que não dorme...

Tu és alma e capital
dum país de marinheiros,
terra branca dum ideal
a sorrir de entre os primeiros.

Lisboa... menina bonita...
— muita gente assim te vê —.
Só eu não vejo, acredita,
a razão desse porquê...

Bonita, é só coisa adversa
levada pelo tempo além.
Chamar-te «bonita» é conversa
que nenhuma graça tem...

Porque tu não és bonita,
na hora vaga e fugaz...
Tu, só és nobre, acredita,
duma nobreza capaz
de vencer o tempo e a vida
nas mutações que não contam...

Tu, só és nobre, acredita,
para além desta hora tonta
em que o Mundo se rebela
insurgido em má loucura...

Lisboa, não esqueças: és bela.

A mais bela criatura
que possui beleza altiva
e uma nobreza real
a tornar eterna e viva
nossa Pátria: PORTUGAL!

LISBOA na obra de Figueiredo Sobral

(*Desenhos, Aguarelas e Esculturinhas de Papel*)

A Exposição de Figueiredo Sobral, ocorrida nas salas do Grupo «Amigos de Lisboa» entre 20 de Outubro e 5 de Novembro do ano findo, merece neste número de OLISIPO — o primeiro depois daquele acontecimento, um comentário onde cumpre relevar a interessante contribuição do Artista à iconografia e à paisagem lisboetas, levada a efeito, não apenas em «Desenhos e Aguarelas» mas, ainda, em sugestivas e originais «Esculturinhas»... de papel.

Figueiredo Sobral é um artista «d'avant-garde», atirado sem rebuço para o «abstracto» onde a sua extensa produção se espraia (e simultaneamente se limita), no mar largo, e vago, dum corrente generalizada e internacional. Essa produção diga-se desde já, não é a que, neste comentário, está em causa nem, portanto, a que se admirou nas salas dos «Amigos de Lisboa». Artista de incontestável mérito, Figueiredo Sobral não trouxe, efectivamente, à sua exposição de Outubro, a fantasia de estranhas, abstractas concepções picturais que o seu lápis, a sua pena, os seus pincéis, têm dispersado, aqui e ali, em vários concursos, tanto em Portugal como no Estrangeiro. Aqui, o seu valor foi o de usar de compreensiva síntese, circunscrevendo aos temas lisboetas a sua, mesmo assim, extensa produção exposta. E, justamente, o valor do seu trabalho consistiu em *abandonar*, tanto quanto lhe foi possível, a sua peculiar «abstracção»... Não deixa de ter seu interesse o notar-se, em alguns dos seus trabalhos, como *Santa Clara, Campo Grande Antigo e São Pedro de Alcântara*, por exemplo, certa «interpretação romântica» a que a mão do artista se obrigou, talvez porque lhe cumpria focar objectivos reais, com fisionomia própria e que de outra forma, seriam irreconhecíveis. O *sacrifício* de F. Sobral teve, aqui, o seu merecimento, pois além de lhe permitir «comunicar» a sua arte a um público que, no caso, pedia realidades, veio a revelar, a *relevar* nessa mesma arte valores próprios surpreendentes. Esse o interesse superior da exposição. A sua «aguarela», representando a fotografia dum noivado a sair da igreja é, para nós, a melhor demonstração de quanto Figueiredo Sobral pode obter, de verdadeiro êxito, nesse

filão de humorismo que está (tão evidente!), na raiz do seu autêntico talento.

...Mas é principalmente nas «Esculturinhas» de papel que se plasma, a grande elevação artística e espiritual, o seu fundo sentido dramático do Humano. As duas dimensões, tão opostas, do poder criador deste rapaz — a aguarela «fotográfica» dos noivos e, nas «Esculturinhas», por exemplo, o *Inverno*, o *Desespero dormindo*, o *Desalento no jardim*, são flagrante demonstração de quanto Figueiredo Sobral pode fazer, se quiser, saindo das «abstracções» duma rotina banalizada e comum para os temas verdadeiramente humanos, onde as suas forças com lógica o conduzirão a uma altura inequivocamente singular.

A Cerâmica, onde Sobral vai hoje fazendo as suas descobertas, pode quiçá abrir-lhe larguíssimos horizontes — desde que a *escultura*, mais do que a *pintura*, venha a tentá-lo nesse campo da Arte. Porque ficou bem demonstrado nos catorze ensaios de esculturinhas de papel (frágil material, aliás bem expressivo), que Figueiredo Sobral é, vigorosamente, um escultor.

EGO

★

O poeta António Luís Moita, quando da sua visita à exposição, deixou ali as suas impressões nas três quadras que a seguir publicamos:

ESCULTURINHAS DE PAPEL

*Esculturinhas de papel
grudadas sobre madeira?
Ou imagem verdadeira
de um mundo falso e cruel?*

*Não sois de papel sòmente:
sois de tragédia esquecida,
e, na minha própria vida
remorso clarividente!*

*Esculturas de papelão
de meditada inocência!
Imóveis sois, na aparência,
Para alguns... Para mim, não!*

25/10/1962.

ACTIVIDADE CULTURAL

do último Trimestre

A actividade deste trimestre iniciou-se com a visita cultural à Quinta e Palácio da Penha Longa nos arredores de Sintra. Esta visita realizou-se em 14 de Outubro; em quatro autocarros e numerosos automóveis os *Amigos de Lisboa* deslocaram-se até lá, tendo sido recebidos pelo seu proprietário Sr. Dr. Correia de Campos e sua Família, entre eles sua Esposa e seus Irmãos, o Dr. Amândio de Campos e o Capitão Correia de Campos. Dirigiu a visita, que foi acompanhada pelo Secretário-Geral e pelo Director-Tesoureiro, o Director do Grupo Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento, que fez aos visitantes uma palestra sobre a história remota dos edifícios a partir da sua fundação em 1355 como mosteiro. Foram visitadas a capela, o palácio, a quinta e os jardins, onde foi servido um beberete aos visitantes. Quem o serviu foram, gentilmente, os próprios donos da casa e pessoas de sua família e amizade.

A 20 foi inaugurada na sede uma exposição de desenhos, aguarelas e esculpturinhas de papel do nosso consócio Sr. Figueiredo Sobral, que teve largo êxito e repercussão na Imprensa.

A 25, aniversário da Tomada de Lisboa aos Mouros, os corpos directivos do Grupo deslocaram-se à Câmara, onde apresentaram cumprimentos à respectiva Presidência e Vereação, e à noite, numerosos consócios, a quem foram distribuídos bilhetes, assistiram ao concerto no Pavilhão dos Desportos.

A 9 de Novembro realizou-se a 41.^a sessão de Colóquios Olisiponenses em que o consócio Sr. J. Figueiredo Sobral dissertou sob «Lisboa e a Pintura — Notas avulso» com que se encerrou a sua exposição.

A 10 foi inaugurada na nossa sede a exposição de desenhos da autoria do nosso consócio Sr. Luís Trindade. Esta exposição, que teve farta concorrência, deu ensejo a largas referências na Imprensa; entre muitas aquisições, devemos referir a de dois trabalhos pela Câmara Municipal de Lisboa para o seu Museu.

A 12 sob a presidência do Senhor Ministro da Educação Nacional realizou-se na nossa sede uma sessão solene e uma pequena exposição documental comemorativas do 50.^o aniversário do lançamento da primeira pedra para o actual edifício de A Voz do Operário. Nessa sessão, a que assistiram representantes das famílias do Dr. Manuel de Arriaga e Conselheiros Ferreira do Amaral e João Franco, fez uma conferência o nosso Secretário-Geral. Essa conferência é publicada neste número.

Em Dezembro, a 13, foram comemorados o bicentenário do nascimento e o centenário da morte, respectivamente, dos músicos lisboetas Marcos Portugal e Joaquim Casimiro, com uma conferência pelo nosso Director Eng. Júlio Eduardo dos Santos, ilustrada com a recitação de poesias sobre temas musicais pela declamadora Anita Patrício.

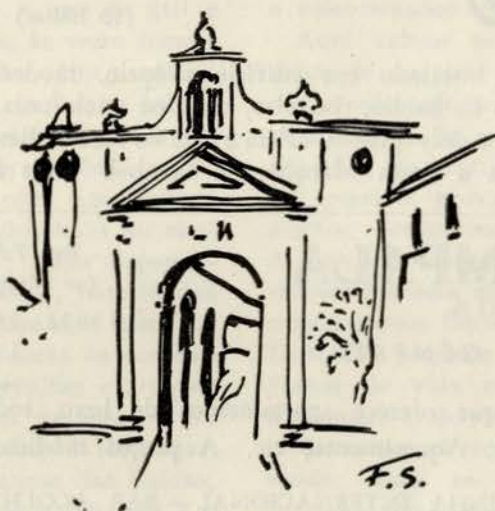
A 15 foi inaugurada na sede uma exposição de «colchas e cobertas antigas (damasco, seda da época de D. Maria II, Castelo Branco, Almalaguez, chita e outras)» da colecção do nosso Secretário-Geral. A exposição teve farta concorrência e a ela se referiu largamente a Imprensa. Esteve aberta até ao fim do ano.

De 15 a 31 de Dezembro esteve exposta na nossa sede uma colecção de postais com reprodução de documentos, monumentos sacros e desenhos da autoria da artista alemã Sulamith Wülfiging, propriedade do nosso consócio Sr. Daniel Lopes.

A 16, em 3 autocarros e vários automóveis, os *Amigos de Lisboa* deslocaram-se às novas instalações da Firma nossa Consócia Soc. Com. e Ind. de Automóveis Francisco Batista Russo & Irmão, onde foram recebidos pelo seu director técnico Sr. Couto Nogueira, que acompanhou os visitantes e a quem saudou no final da visita, que foi agradecida pelo nosso Secretário-Geral. Foi servido um aperitivo na cantina da Firma.

A 30 e para encerramento da actividade cultural de 1962, realizou-se um jantar de fim do Ano no Restaurante Folclore. Esse jantar que teve feição olisiponense, mercê da gentileza do seu gerente o nosso consócio Sr. Leonel Gomes Coelho, teve a exibição do Rancho Folclórico de Paredes e constituiu um notável êxito artístico e de confraternização. O Presidente da Câmara de Paredes, que acompanhava o Rancho, visitou mais tarde a nossa sede acompanhado pelo consócio e seu conterrâneo Sr. Coronel José Ribeiro da Costa Júnior, visita que deu ensejo à oferta, que noutro lugar se refere, de um quadro a óleo sobre um trecho do Rio Sousa.

E. N.



Hoteis de Lisboa



HOTEL RITZ LISBOA

HOTEL FLÓRIDA

RUA DUQUE DE PALMELA, 32
LISBOA / PORTUGAL
Telef. P. P. C. 5 41 71 Teleg. **FLÓRIDOTEL**
(10 linhas)

PRIMEIRA CLASSE — Instalado em edifício próprio, modernamente apetrechado. 120 quartos com casa de banho, chuveiro, telefone e telefonia. Alguns quartos com terraço. Suites de um e dois quartos, saleta e casa de banho. Restaurante e Grill-Room com linda vista para a Praça Marquês de Pombal. Dois Bars e um Snack-Bar

HOTEL IMPALA LISBOA ÚNICO NO GÉNERO

Rua Filipe Folque, 49
(ao Marquês de Pombal)
Telef. 5 89 14 - 25-28 Teleg. **HOTIMPALA**
LISBOA

Um Hotel de 2.^a que oferece apartamentos de luxo, todos com banho, Bar, Frigorífico, Telefone, Aquecimento, etc. A preços módicos. Conforto absoluto

COZINHA INTERNACIONAL — BAR ACOLHEDOR



Feira da Ladra

I

JAMAIS um título teve mais propriedade: «Feira da Ladra». É o nome dado a esta secção do *Olisipo*. Quem diz *Olisipo* diz Lisboa e a Feira da Ladra é uma criação de Lisboa, mantida pelo povo lisboeta que lá encontra o que pretende comprar ou satisfaz a curiosidade admirando o sem-número de objectos, os mais extravagantes e velhos a par do útil e necessário também velho, às vezes incompleto mas sempre tentador. Um parafuso ferrugento lado a lado com uma bobine eléctrica ou um triciclo de duas rodas só; um quadro a óleo com pretensões a estilo e escola, ombreando com um caixote recheado de sapatos velhíssimos ou simplesmente só palmilhas; fatos dependurados em estendal tentador, parada das modas dos nossos antepassados desde as fardas militares napoleónicas às contemporâneas; casacas de peraltas e fraques de diplomatas; mais ali ou mais acolá livros e gravuras, moedas e medalhas, peças de porcelana, faianças das Caldas, vidros, armas e tudo que a fantasia e o acaso, associados ao mercantilismo, possam ter reunido para satisfazer as necessidades do pobre e do curioso, tudo temperado de muita poeira e muita ferrugem.

A Feira da Ladra semanalmente estendida perante o povo de Lisboa é espectáculo divertido e simpático, dominando pelo imprevisto e pela tentação onde o freguês, que não vai para comprar,

compra, ao invés do que vai por necessidade de adquirir uma pecinha para a sua maquina avariada ou uma pechincha para completar a sua instalação caseira, nada encontra, nada compra. Aqui na «Feira da Ladra» do *Olisipo* aparece o imprevisto, a citação, a curiosidade, a relíquia revelada pelo velho curioso, esse ferro-velho da História, o saudosista incompatível com o presente e coleccionador de recordações.

Aqui cabem as relíquias de mínimo valor do passado alfacinha; as citações dos eventos sensacionais, as evocações de personagens, de casas comerciais, de instituições, de costumes e de tudo quanto for possível provar por pequenos documentos, prospectos, programas, recortes de jornais, fotografias, bilhetes postais, correspondência particular, etc., que nós consideramos fontes históricas, pequenas fontes de pequena história dos pequenos factos de vida citadina de ontem, de anteontem e de sempre.

Na nossa «Feira da Ladra», nada se vende; nada se compra, tudo se dá. O que se expõe nos lugares dos feirantes é propriedade do Grupo, tudo é útil e interessante como qualquer velharia roída pela ferrugem; a questão é conhecer-lhe o *curriculum vitae*, o porquê do seu desaparecimento, o que fez cá pela terra que pisamos e a vantagem de ser revelada aos *Amigos de Lisboa* de hoje.

Eis o primeiro objecto, um bilhete postal de cartolina brilhante; anuncia

51-51ª - CASA DAS TESOURAS - 53 E 55

DEPOIS ANTES DEPOIS ANTES

Telephone nº 2336

NÃO CONFUNDIR COM OUTRAS CASAS

GABÕES D'AVEIRO SOBRETUDOS E FATOS

CASA DAS TESOURAS

51-51ª R. DA ESCOLA POLYTECHNICA - 53 E 55. - LISBOA

J. Clemente

O postal-anúncio a que se refere a presente nota

um alfaiate que teve celebridade em Lisboa, o Sr. Clemente da Casa das Tesouras na Rua da Escola Politécnica. Na gravura podem ver-se as duas tesouras como um brasão ou talvez, dada a agressividade do símbolo, melhor diremos brasão de armas. Porque é ele célebre?

Divulgador dos gabões de Aveiro, abafos para homens e rapazes absolutamente nacional, cómodo, eficaz e elegante, divulgou-o tornando-o acessível a todas as bolsas, concitando a curiosidade do público com uma publicidade, que nesse tempo não era comum, e por isso tinha um efeito muito grande no público, que ocorreu a estabelecer a moda de que todos aproveitaram: o Sr. Clemente, os fregueses e os concorrentes e estes não foram poucos.

O gabão elegante de linhas fradescas de cor preta ou castanha, de capuz, sem

cinto, era impermeável e «quentinho». A Casa das Tesouras não se limitou a fazer esta forma de publicidade; de quando em quando fazia desfilar pelas ruas da Baixa — e Lisboa de então era só a parte baixa — uma fila extensa de homens de capote-gabão, encapuzados, marchando solenemente a provarem a superioridade do produto das tesouras do Sr. Clemente. Acrescente-se a todas estas manifestações de publicidade a dos jornais e compare-se com a de hoje cientificada nas escolas comerciais, nos institutos e faculdades de ciências económicas onde a base publicitária é a psicologia do cliente.

Cliente significa freguês. O título foi a primeira grande conquista da cientificação do reclamo. O comprador ou a isso candidato é cliente e todos juntos são a clientela do sapateiro, do carvoeiro, do costureiro, etc.

Quem se atreverá a dizer hoje os fregueses da Casa das Tesouras?

II

Mais papéis, mais bugigangas e ainda outras espécies olisiponenses: prospectos de touradas, talões de bilhetes que serviram algum espectador, programas mais ou menos ilustrados e de épocas próximas. Destaco entre todos por ser o mais antigo e o mais interessante o que anuncia a festa artística dos bandarilheiros Torres Branco e Manuel dos Santos, a do primeiro para o dia 4 de Agosto de 1901, isto é, há 61 anos.

É um papel bem marcado pela longevidade, gravuras a cores tentando representar a Praça do Campo Pequeno, toda embandeirada, distinguindo-se perfeitamente a bandeira nacional então azul e branca. Ainda entre toda a bonecada mal desenhada estão os retratos dos beneficiados, um toiro mais ou menos parecido e um aspecto da corrida, como ela seria, já com dois toureiros a receber as ovações. No detalhe da corrida, e é isso para atentar, estão os nomes dos toureiros então na vanguarda da tauro-maquia, os irmãos Calabaças, Peixinho, Teodoro, Cadete, Fernando de Oliveira, Tomás da Rocha, Simão Serra, Eduardo Macedo, e tantos outros. Nomes que Lisboa conhecia, artistas que Lisboa recorda com saudade.

Este modesto papel é uma verdadeira página da História do Toureiro. Esta corrida foi um acontecimento para os lisboetas, festa brava na sua mais bela praça com os seus ídolos, com um curro condigno, sol e... moscas. A toirada apaixonava os portugueses e se no Ribatejo ela tinha e tem o seu ambiente natural, era e é em Lisboa que se consagram os artistas.

A nossa Feira não é um museu; será apenas um modesto bricabraque de relíquias, algumas, apenas bagatelas curiosas mas com a virtude de lembrarem aos lisboetas nomes e factos de outros tempos e neste caso, um divertimento nacional, um desporto, (porque não?) muito antigo e fortemente arreigado e tanto que nem mesmo o futebol o conseguiu extinguir. O único vírus que possivelmente o anemiará será a carestia dos lugares dos espectadores, o que também se pode verificar nos impressos de reclamos que estão junto, 30, 50, 60, 90 e 100 escudos. Aqui se pode dizer que o aficionado sofre uma verdadeira colhida...

E se isto não é a história é pelo menos para a História!

Gilberto Monteiro

O autor ofereceu ao Grupo *Amigos de Lisboa*, uma porção de impressos correspondentes aos assuntos tratados aqui. São curiosidades olisiponenses que constituíam uma colecção. A «Feira da Ladra» recebeu-os e espera mais.

Ainda mais livros miniatura

A nossa consócia número 1476, Ex.^{ma} Sr.^a D.^a Maria Estela de Miranda Basso, traz-me mais um livro miniatura de que é possuidora.

Apesar de diplomada em Letras, pela Universidade de Lisboa, e professora ilustre, modestamente se negou a fazer a «referata» do seu livro e pede-me que o faça. Trata-se de um volume medindo 26 mm de comprimento por 15 mm de largo e 10 mm de grossura. A mancha de impressão tem 23 x 15 mm.

É a edição dum dicionário inglês-francês intitulado *Smallest French & English Dictionary*, o seu autor é F. E. A. Gasc e o editor David Bryce and Son. A impressão é feita a três colunas e tem

618 páginas e mais 8 de índice de abreviaturas, plano da obra, etc.

É encadernado em marroquim vermelho com letras douradas na capa e na lombada.

Apresenta-se dentro de um estojo de metal branco niquelado que mede 35 mm de alto por 28 mm de largo. Tem uma argola na parte superior da tampa e a meio desta uma lente com 18 mm de diâmetro exterior. É um interessante exemplar de dicionário miniatura.

E. N.

Recordações da vida literária de Lisboa no começo do século

A CERCA do grupo reproduzido nesta secção do n.º 100 de *Olisipo*, a nossa distinta e dedicada Consócia n.º 562 D. Julieta Ferrão dignou-se comunicar-nos a identificação completa de todas as personalidades que nele figuram. Agradecemos a atenção dispensada à nossa solicitação e transmitimos aos nossos sócios e leitores deste Boletim os elementos recebidos:

Grupo tirado, após o banquete oferecido ao Visconde de S. Luís Braga, no «Jardim de Inverno» do antigo Teatro

D. Amélia, em 26 de Março de 1903:

Da esquerda para a direita:

Sentados no chão — Henrique Alves e Álvaro Cabral.

Sentados em cadeiras — João Chagas, António Ramos, João Rosa, Visconde de S. Luís Braga, Eduardo Brasão, Rafael Bordalo Pinheiro e João Gil.

De pé, no 1.º plano — Visconde de S. Boaventura, Guilherme Rosa, Adolfo Waddington, Roberto Rebelo, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, Luís Galhardo, Cristiano de Sousa, Chaby Pinheiro, Higino de Mendonça, Júlio Dantas, Lino d'Assunção, Augusto Rosa, Carlos Cohen, Magalhães Lima, Eduardo Garrido, Moura Cabral, Alfredo Santos, António Pinheiro e Luís Pereira.

De pé, no 2.º plano — França Borges, Luís Pinto, Manuel Damasceno, Stuart Torrie, António Teixeira, José António Moniz, Augusto Antunes, Francisco Sales, Carneiro de Moura, Frederico Lagoa, José Parreira, Freitas Brito, Melo Barreto, João Costa, Carlos Morais de Carvalho, Miguel Fortes e Augusto Pina.

E. N.

COMPRAMOS
LIVROS DE BONS AUTORES
—
Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

• Telef. 32 86 63

• LISBOA

OFERTAS

Do sócio n.º 3 317, Sr. J. M. Figueiredo Sobral:

Um quadro, a têmpera, representando *Santo António*, de sua autoria, que fez parte da exposição que este Artista realizou na sede do Grupo.

Do sócio n.º 2 045, Sr. Luís Trindade:

Um desenho, de sua autoria, representando a *Rua de S. Tomé*, de Lisboa, trabalho que figurou com o n.º 7 no catálogo da exposição efectuada na sede com obras do ofertante.

Do sócio n.º 3 214, Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos:

Vários números de *Olisipo*.

Do Presidente da Câmara Municipal de Paredes, Sr. Joaquim da Rocha Leal, em nome do Rancho Folclórico da mesma vila, a quando da sua visita a Lisboa em Dezembro de 1962:

Um quadro a óleo, com moldura, representando um trecho do *Rio Sousa*.

Da Senhora D. Maria Rachel Bella, empregada da Secretaria do Grupo:

Uma escrevaninha antiga, de madeira.

Do sócio n.º 1 886, Sr. Dr. Gilberto Monteiro:

Guia Itinerário do Visitante de Lisboa — Brinde que os Grandes Armazéns Grandella & C.ª oferecem aos seus clientes em Comemoração do IV Centenário da Descoberta da Índia — 1498-1898.

Guide of Lisbon — Souvenir of the visit to Lisbon of H. M. King Edward VII — April 1903.

In Search of the Sun — Notes on a voyage.

North Atlantic Council — Conselho do Atlântico Norte — Lisbon — February 1952.

Portugal — *La terre des beaux paysages dont l'interet historique s'allie a climat charmant.*

Guia Informativo — Carris — 1952 a 1955 (4 ex.).

Como visitar Lisboa — (Wagons Lits/Cook).

Lisboa — Programme du XV^e Congrès de la Société Internationale de Chirurgie.

Pocket Guide of Lisbon (4 ex.).

Carreiras, percursos, horários, roteiro e planta dos trajectos do serviço de autocarros — 1950 (2 ex.).

Lisboa — XXI Congresso Internacional da Habitação e Urbanismo.

Livro de Turismo — *Lisboa-Sevilha-Paris* — Edição do Boletim do Governo Civil de Lisboa.

Programme des excursions a Lisbonne — Rotterdam LLOYD.

Roteiro sintético de Lisboa — SPN.

Lisboa nocturna — Programa — S. N. I. e Casa Atlântica de Viagens (2 ex.).

Guia Médico de Lisboa — 1928 — III Congresso Nacional de Medicina.

Guia Olisipo — Lisboa.

Lisboa — Edições do S. N. I. (6 ex.).

Sócios admitidos no 2.º semestre de 1962

- 3 410 — Eng. Armando Duarte Rebelo.
- 3 411 — Francisco de Barahona e Silva Pinto — *Comissário da Marinha Mercante*.
- 3 412 — Restaurante Folclore (Gerente: Leonel Gomes Coelho).
- 3 413 — D. Clotilde da Conceição Filipe Bragança — *Professora aposentada*.
- 3 414 — D. Maria de Sêves Lomelino de Freitas — *Funcionária da Santa Casa da Misericórdia, aposentada*.
- 3 415 — Jaime Zuzarte Cortesão Casimiro — *Empregado de escritório*.
- 3 416 — Arnaldo Barbosa — *Corretor de Seguros*.
- 3 417 — José Alfredo de Vilhena — *Estudante de arquitectura*.
- 3 418 — Artur Cardoso — *Industrial*.
- 3 419 — D. Janina Zajaczek — *Secretária*.
- 3 420 — Dr. Francisco Adelino de Vasconcelos — *Médico*.
- 3 421 — Augusto José Duarte — *Escriturário*.
- 3 422 — António de Fontes Pereira de Melo Monteiro de Barros — *Funcionário da Coordenação Económica*.
- 3 423 — Howard White — *Adido de Imprensa da Embaixada Americana*.
- 3 424 — Sociedade Central de Cervejas.
- 3 425 — Dr. Rui Alberto Barbosa Viana — *Médico-cirurgião*.
- 3 426 — D. Leonor Valadares de Mendonça Boavida.
- 3 427 — Comodoro Carlos Henriques — *Oficial da Armada*.
- 3 428 — Major Amadeu Gama Abreu Imaginário — *Oficial do Exército*.
- 3 429 — D. Maria do Rosário L. Pereira de Oliveira — *Funcionária da «Sabena»*.
- 3 430 — D. Maria Teresa de Sousa Marques Ramalho — *Estudante*.
- 3 431 — D. Fausta de Brito Maldonado Vieira.

ACÇÃO CULTURAL

durante o ano de 1962

VISITAS DE ESTUDO

Fevereiro

- 11 - À *Torre de Belém*, dirigida pelo Sr. Arq. Paulo Cunha, da Administração-Geral do Porto de Lisboa.

Março

- 4 - À *Reitoria da Universidade de Lisboa e Edifício da Faculdade de Letras*, dirigida pelo Sr. Prof. Doutor Marcelo Caetano, reitor da Universidade.

Abril

- 15 - À *Estação de Serviço dos autocarros da Companhia Carris de Ferro Lisboa*, em Cabo Ruivo, dirigida pelo Sr. Jorge Gonçalves.
- 29 - À *Quinta dos Castanheiros*, em Caneças, e almoço na *Casa de Repouso da Enfermagem Portuguesa*.

Maio

- 20 - A *Évora*, dirigida pela Sr.^a D. Maria João Paula Soares, funcionária do Turismo local.
- 27 - Às instalações do *Aeroporto da Portela*, dirigida pelos Engs. Srs. José Maria Seguro, Tomás Siu, Correia Mendes e Favila Vieira, da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil.

Junho

- 9 - À Fábrica de Refrigerantes *Larangina*, em Venda do Pinheiro, dirigida pelo Sr. Eng. Basílio Mesquita, director técnico da *Larangina*.
- 24 - À *Óbidos*, dirigida pelos Srs. Dr. Calixto Armindo e Prof. Albano de Castro e Sousa, presidente do Município local, e *Caldas da Rainha*, onde os sócios almoçaram, visitando, depois, o *Museu Malhoa*, visita dirigida pelo seu director Sr. António Montês.

Julho

- 22 - À *Gruta das Salemas*, sob a direcção do Sr. Eng. Veiga Ferreira, dos Serviços Geológicos; à *Capela de N. S. da Ajuda*, dirigida pelo Sr. Coronel José Ribeiro da Costa Júnior, e *Jardim da Quinta das Areias*, do Sr. António Palha, em Vila Franca de Xira.

Outubro

- 14 - À *Quinta da Penha Longa*, nos arrabaldes de Sintra, dirigida pelo Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento.

Dezembro

- 16 - Às instalações da firma *Francisco Baptista Russo & Irmão*, em Cabo Ruivo, dirigida pelo director-técnico das oficinas Sr. Couto Nogueira.

CONFERÊNCIAS

Março

- 24 - *Lisboa e o poeta Afonso Lopes Vieira*, pelo Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos.

Junho

- 7 - *O Nunes da Lancha pioneiro da ocupação de Angola*, pelo Sr. Coronel José Ribeiro da Costa Júnior.

Dezembro

- 13 - *Músicos lisboetas*, pelo Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos.

COLÓQUIOS OLISIPONENSES

Fevereiro

- 22 - Com a colaboração dos Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, Eng. Júlio Eduardo dos Santos e Eng. Kol d'Alvarenga que dissertaram, respectivamente, sobre *Coisas de outros tempos*, *O último Salão de Lisboa* e *Eça de Queiroz e Lisboa*.

Abril

- 26 - Com a colaboração dos Srs. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, Doutor Eduardo Neves, Luís Esteves Pereira e Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, que falaram, respectivamente, sobre *Acerca do Teatro S. Carlos, Ainda sobre S. Carlos, Notas sobre dois órgãos de Lisboa e O Teatro Municipal*.

Junho

- 28 - Com a colaboração dos Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, Dr. José Caria Mendes e Nuno Catarino Cardoso que dissertaram, respectivamente, sobre *História de outros tempos, A Medicina portuguesa, a Nação e Lisboa nos meados do século XIX e Nove cartas notáveis de Camilo Castelo Branco*.

Novembro

- 8 - Com a colaboração do Sr. Figueiredo Sobral que dissertou a respeito de *Lisboa e a Arte*.

EXPOSIÇÕES

Janeiro

- 21 - Inauguração da *Exposição de Óleos, Aguarelas, Cerâmica e Baixos-Relevos do artista Sr. José Videira*.

Abril

- 7 - Inauguração da *Exposição Bibliográfica de Afonso Lopes Vieira*, da colecção do Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos.

Junho

- 13 - Inauguração da *Exposição Santo António e Lisboa nalguns apontamentos fotográficos*, do Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento.

Julho

- 7 - Inauguração da *Exposição de Pintura, Desenho, Gravura e Cerâmica*, do Prof. Sr. Pedro Jorge Pinto.

Outubro

- 20 - Inauguração da *Exposição de Desenhos, Aguarelas e Esculturinhas do artista Sr. Figueiredo Sobral*.

Novembro

- 10 - Inauguração da *Exposição de Desenhos à Pena*, do artista Sr. Luís Trindade.

Dezembro

- 15 - Inauguração da *Exposição de Colchas antigas*, da colecção do Sr. Doutor Eduardo Neves.

CIRCUITOS PERIFÉRICOS DE LISBOA

Maio

- 6 e 13 - *Circuitos turísticos de Lisboa*, em autocarros.

CUMPRIMENTOS

Fevereiro

- 8 - A Junta Directiva do Grupo, acompanhada por muitos associados, apresentou cumprimentos à Presidência da Ex.^{ma} Câmara Municipal, por motivo do encerramento das comemorações do 25.º aniversário do Grupo. Em seguida foram visitadas as principais salas do Palácio Municipal.

CINEMA

Agosto

- 4 - Sessão de cinema no salão do SNI, com passagem de filmes sobre Lisboa e o Tejo.

SESSÕES SOLENES

Fevereiro

- 8 - Para o encerramento das comemorações do 25.º aniversário do Grupo, tendo usado da palavra os Srs. Dr. António Luiz Gomes, Doutor Eduardo Neves e Prof. Doutor Raul de Carvalho.

Novembro

- 12 - De colaboração com *A Voz do Operário*, e comemorativa do 50.º aniversário do lançamento da primeira pedra para o seu actual edifício, tendo usado da palavra o Sr. Doutor Eduardo Neves, Secretário-Geral do Grupo, Amadeu Faria Longo, Presidente d'A Voz do Operário e o Sr. Prof. Doutor Manuel Lopes de Almeida, Ministro da Educação Nacional, que presidiu à sessão.

JANTAR DE FIM DE ANO

Dezembro

- 30 - Jantar de fim de ano, e de confraternização, no restaurante *Folclore* com a exibição dos números artísticos do restaurante e a do Grupo Folclórico de Paredes, que se apresentou em especial para os «Amigos de Lisboa».

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

•
Pesquisa e extracção de diamantes
na

PROVÍNCIA DE ANGOLA
em regime de exclusivo

•
Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

•
DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. João Augusto Bexiga

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Sílvio Guimarães

PAPELARIA CAMÕES

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, LDA.

Pincéis, telas, tintas de óleo, aguarelas e guaches
das melhores marcas nacionais e estrangeiras

LISBOA, 2 — 42, Praça de Luis de Camões, 43 — TEL 32 30 63

BICO DOURADO

(Boite de Nuit)

TODAS AS NOITES

MÁRIO SIMÕES

e seu conjunto

R. DA MISERICÓRDIA, 12

T. 36 86 49

Maiores de 21 anos

Direcção de MÁRIO SIMÕES

Companhia Industrial de Portugal e Colónias

S. A. R. L.

GRANDES FÁBRICAS
DE

MOAGEM

(Farinhas espoadas)

Fábricas:

Rua do Beato, 48

Sede e Escritório Central:

Rua Jardim do Tabaco, 74

Telefones:

86 61 51 a 86 61 55

LISBOA

AS CANETAS, LAPISEIRAS, ESFEROGRÁFICAS
E TINTAS MAIS DESEJADAS DO MUNDO

Parker



167, Rua do Ouro, 173

LISBOA

PAPELARIA DA MODA

ANTÓNIO VIEIRA, LDA.

TODOS OS ARTIGOS DE
PAPELARIA E ESCRITÓRIO,
MATERIAL ESCOLAR E
ARTIGOS DE DESENHO

— SEMPRE NOVIDADES —

Telefs. 32 42 69 — 32 43 47

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 321368 - 321227 - 30054 — LISBOA

A LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

450 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

AGÊNCIA DE TURISMO

CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)
FOLHA DE FLANDRES
E A Ç O S
EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

Pérola do Rossio

Limitada

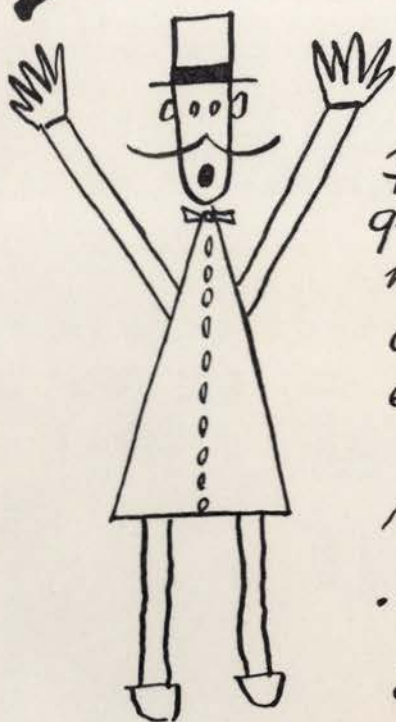
Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 · Lisboa · Telef. 32 07 44



posso garantir
que os anúncios
nos bilhetes dos
carros eléctricos
e dos autocarros
são bons
... e baratos.
*
Peça informações



CARRIS-PUBLICIDADE

CALÇADA DA BICA PEQUENA, 4 - LISBOA 2 - TEL. 55055

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL